

DOMINGO

DOREI

ANO 4 - Nº 10 - EDIÇÃO BIMESTRAL

CR\$ 20,00 - MARÇO/ABRIL/80

SALVADOR-RIO-SÃO PAULO

PORTO ALEGRE-B.HORIZONTE



Hoje aspec-
conhecidas foram

Resultados as 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Uma interrupção para que os diretores vindos do Grande do Sul se expressassem, defendendo-se das acusações dirigidas a eles, defendendo a democracia burguesa e com da toda a burguesia nacional.

Resultados as 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Uma interrupção para que os diretores vindos do Grande do Sul se expressassem, defendendo-se das acusações dirigidas a eles, defendendo a democracia burguesa e com da toda a burguesia nacional.

Resultados as 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Uma interrupção para que os diretores vindos do Grande do Sul se expressassem, defendendo-se das acusações dirigidas a eles, defendendo a democracia burguesa e com da toda a burguesia nacional.

Resultados as 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Uma interrupção para que os diretores vindos do Grande do Sul se expressassem, defendendo-se das acusações dirigidas a eles, defendendo a democracia burguesa e com da toda a burguesia nacional.

Resultados as 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Uma interrupção para que os diretores vindos do Grande do Sul se expressassem, defendendo-se das acusações dirigidas a eles, defendendo a democracia burguesa e com da toda a burguesia nacional.

Resultados as 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Uma interrupção para que os diretores vindos do Grande do Sul se expressassem, defendendo-se das acusações dirigidas a eles, defendendo a democracia burguesa e com da toda a burguesia nacional.

Resultados as 4 horas da manhã do dia seguinte é realizada a votação, com um congresso esvaziado e as pessoas que votaram sem alternativa: as eleições ficam para setembro.

Logo, não é villosa a concepção de que...

O anarquismo demonstra que não...

Logo, não é villosa a concepção de que...

O anarquismo demonstra que não...

Logo, não é villosa a concepção de que...

O anarquismo demonstra que não...

Logo, não é villosa a concepção de que...

Logo, não é villosa a concepção de que...

O anarquismo demonstra que não...

Logo, não é villosa a concepção de que...

O anarquismo demonstra que não...

Logo, não é villosa a concepção de que...

O anarquismo demonstra que não...

Logo, não é villosa a concepção de que...

A favor do aborto

O MASSACRE DE PEDRA PRETA

"HORA DO POVO" ESPANCA OPERÁRIO

CONGRESSO DA MULHER

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é feito pela seguinte equipe em ordem de sorteio:

Kátia Regina Borges, Antônio Fernandes Mendes, J. Silva, Lidio Barros, Antônio Carlos Pacheco, Maria Teresa, Tonho Starteri, Carlos Augusto Rodrigues, Augusto César Mala, Jorge Roberto de Sá, Aurélio Vellame, Marcus Gutemberg, Ricardo Liper, Maise Ferreira, Marcus Lidório, Alexandre Ferraz, Cláudio Miranda, Nelson Tangerini, Edgar Rodrigues, Maurício Tragtenberg.

Correspondentes na Europa: Sebastião Santa Rosa (Madri); Alfredo (Paris) e Nelson Serathluk (Lausanne).

Capa: Carlos Augusto Rodrigues de Souza
O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria A (CGC/MF 14727871/0001-63). Rua 21 de Abril, nº 08, Sala 21, Relógio de São Pedro, Salvador, Bahia, Brasil.

Endereço para correspondência: Caixa Postal nº 2540 — CEP 40.000 — Salvador, Bahia, Brasil.

Preço do exemplar avulso: Cr\$ 20,00. Assinatura anual de colaboração: Cr\$ 150,00. Exterior: US\$20.

AOS ASSINANTES:

1) Comunique-nos sempre que houver mudança de endereço.

2) Não chegando qualquer número, avise-nos para que providenciemos.



AFINAL, QUEM É O PATRÃO?

Uma onda de demissões assolou os jornais de Salvador nestes últimos meses, salvo uma exceção: o Diário de Notícias, que, de resto, não teria praticamente a quem demitir.

O Sindicato dos Jornalistas observou a crise — na sua fase mais aguda, inclusive — com um mutismo fatalista inteiramente em desacordo com suas finalidades básicas como órgão de defesa de uma categoria de trabalhadores.

Amanada a tempestade, depois de tudo consumado, o Sinjorba manteve um ultra-oficial e lacônico contato com a diretoria dos jornais, lamentando, em tom altamente burocrático, as demissões. Este comunicado foi respondido em tom frio e burocrático (à la M-19 com o governo colombiano) pelos patrões. E tudo ficou por isso mesmo.

Basta dizer que os jornalistas (a maioria deles) só tomaram conhecimento quando as duas notas foram — mais uma vez fria e burocraticamente — colocadas no quadro de avisos das redações.

Quando a categoria já estava até se acostumando em dormir com este barulho todo, sofre uma tremenda sacudida: é desencadeada pelo sindicato uma campanha para "sanear" o chamado meio jornalístico, expulsando aqueles que não são estudantes e não têm registro profissional.

Está muito certo que os jornalistas pretendam preservar seus empregos livres de investidas de profissionais de outras áreas, que geralmente fazem bico, hobby e grossa picaretagem em todos os jornais — ou quase todos. Bem, ocorre que, por negligência ou qualquer outra razão que rigorosamente não interessa neste momento, alguns jornalistas estão na situação classificadas de "irregular": sem registros profissionais e não são estudantes. E estes são comprovadamente pessoas que vivem do trabalho jornalístico, jornalistas inclusive com o chamado "bom conceito na praça". Como ficam essas pessoas?

"Que sejam demitidas, pois elas têm de pagar pela sua irresponsabilidade.

Ora, ora! Convenhamos. Não pode ser assim. Afinal, existe uma minoria que deverá ser seriamente prejudicada. São duas, três ou quatro pessoas, mas são pessoas. Individualmente, ser sumariamente expulso do seu campo de trabalho pelo tacão do Ministério do Trabalho (sendo bandido ameaçadoramente pelo próprio Sindicato) representa uma derrota total, um beco sem saída, o desemprego.

Ser, não, mas acho que a tarefa de demitir jornalistas deveria ser restrita aos patrões dos jornalistas, que, para isso, são patrões. Ao sindicato cabe, isso sim, lutar para que aqueles que têm no jornalismo seu meio de sobrevivência tenham segurança e seus direitos respeitados. O que não impede que uma rígida fiscalização seja iniciada visando a não permitir mais o ingresso dos chamados picaretas.

Alexandre Ferraz

Os jornalistas d'O Inimigo do Rei são também jornaleiros

Aos colaboradores e a todos que desejam escrever para O INIMIGO DO REI: este é um jornal autogestionário. O que significa isto?

Significa que todas as tarefas são divididas igualmente entre todos os pertencem ao corpo editorial: todos participam das tarefas administrativas, intelectuais e, principalmente, braçais.

Significa que o indivíduo que publica qualquer coisa no "O INIMIGO DO REI", terá como obrigação vender o jornal de mão-em-mão em bares, praias, cursinhos, universidades, teatro, etc. Ou então colocar o jornal em bancas se responsabilizando por uma quantidade "x". Esta é a maneira que encontramos de acabar com a diferença entre trabalho intelectual e braçal, uma das hierarquias que perpetuam a dominação de um homem pelo outro.

Aos espertinhos que utilizam-se da sessão de Cartas para não necessitar trabalhar pelo jornal, avisamos que não serão aceitas cartas-editoriais a não ser daqueles que vendem braçalmente o jornal.

Por outro lado, não temos nenhuma censura. As pessoas não precisam ser formadas em universidades para escrever no O INIMIGO DO REI. Podem até nem ter frequentado escola primária. Basta que saibam escrever. Não procuramos nível nos textos: isto é censura da criatividade. Cada um escreve o que quer, como quer.

Agora, não nos sujeitamos a que ninguém nos apresente trabalhos para serem publicados sem que o interessado esteja disposto a trabalhar na vendagem e distribuição do jornal. Senão seríamos explorados por pseudo-intelectuais maravilhosos que são tão exploradores quanto a burguesia.

Finalmente, convidamos a todos os interessados a participarem do nosso jornal, pois está aberto a todos, sem distinção.

A todos os que queiram ser jornalistas e jornaleiros.

OS 16 ANOS DE UM 1º DE ABRIL

O que aconteceu entre os dias 31 de março e 1º de abril de 1964 no Brasil não foi uma revolução. Foi um golpe militar, com todas as suas mais nítidas características. Simplesmente, as Forças Armadas brasileiras invadiram o Brasil e impuseram uma longa e sombria noite sobre o País.

O que se comemorou neste último 31 de março foram 16 anos de silêncio e terror de Estado, quando a paranóia da doutrina da Segurança Nacional passou a servir de desculpa para todo o tipo possível e imaginável de arbítrio.

Perplexa, a chamada população esclarecida via todas aquelas armas que teoricamente ali estariam para defender o País de um ataque estrangeiro, voltadas para o povo brasileiro. Estivemos, nestes últimos 16 anos, sob a mira dos nossos próprios soldados. Os militares estão no poder, mandam e desmandam e quem está com eles, está com tudo.

E agora fala-se em "abertura". O que está sendo feito a título de "abertura" é exatamente, aos poucos, desfazer o que fez o golpe de 31 de março. Agora, descobriu-se que a dominação econômica, o controle econômico, é mais eficaz que a força bruta, pura e simples.

Este ano, generals de todas as estrelas voltaram a bradar advertências e a lembrar que o "espírito da Revolução de março continua presente". Mas, ora, bolas! Que obrigação tem o povo brasileiro de ouvir advertências? O que se quer é explicações, prestação de contas. E isso não pode ser feito, pelo menos de forma honesta. Sem manipulações delfinianas não há como pôr os números da "revolução" na mesa e convencer a alguém que este é um país sério...

Os Governos que sobreviveram a 1964 viveram sempre de mentiras, mesmo porque não havia sequer como explicar as Forças

Armadas no poder. Situação por si só anômala, que só gerou anomalias.

Anomalias como o terror de Estado, que teve seus tempos gloriosos durante o governo do General Médici. O rapto, tortura e assassinato de cidadãos brasileiros; as portas escancaradas para as multinacionais, que, céleres, encontraram o campo aberto para sugar o que podiam do trabalhador (aliás, não foi à toa que os Estados Unidos articularam e financiaram o golpe).

Foram 16 anos durante os quais este país esteve transformado num imenso quartel. Cada cidadão era vigiado. Prendia-se — "sob suspeita de subversão" — até quem se recusasse a gritar "gol do Brasil" nas copas do mundo. E são esses 16 anos de salvação.

O povo brasileiro não pode engolir essa. Se está engolindo, que abra os olhos e veja: a Revolução de 1964 foi um grande e aterrador primeiro de abril. Dos maiores da nossa História.

PEDRA PRETA: O "GULAG" BAIANO.



Paulo Roberto...



e Antônio Barbosa: vítimas da
violência da polícia.

Edmilson Ribeiro da Silva (19 anos); Antônio Barbosa dos Santos Filho (24 anos); Paulo Roberto Santos Santana Filho (18 anos): quem já ouviu falar destes rapazes?

Possivelmente, assim de cabeça, ninguém se lembra, mesmo na Bahia. Talvez somente aqueles que acompanham detidamente as colunas policiais.

Eles não são jornalistas, nem advogados, sequer militantes de nenhum partido de "esquerda", no entanto são prisioneiros em Salvador da Polícia Militar. Foram presos sem ordem judicial e não têm culpa formada, tampouco foi aberto inquérito contra nenhum deles. Foram torturados barbaramente no melhor estilo da época do governo Médici.

Pergunta-se: por que nenhum comitê de anistia se rebelou contra a prisão e tortura destes rapazes?

É simples. São todos eles filhos das classes mais baixas que habitam os bairros pobres de Salvador. Homens como eles podem ser presos às dúzias, pois, não sendo das classes privilegiadas, ninguém grita por eles. Afinal, os comitês de anistia atendem apenas os presos da pequena burguesia. É tudo uma questão de classe.

Embora não adiante se gritar por estes rapazes, em virtude do fato de que a imprensa não dará eco por interesses de classe, é necessário tentar divulgar o que ocorre onde estes três rapazes estão presos: Pedra Preta.

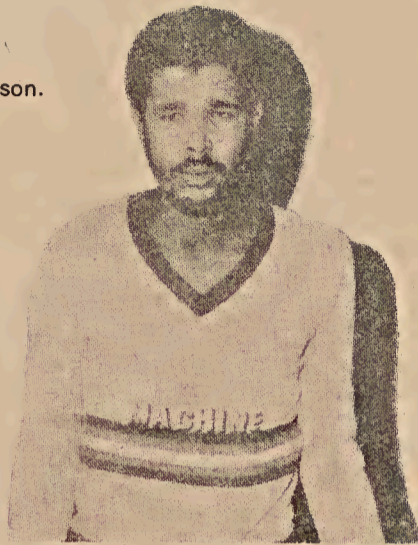
Pedra Preta é uma colônia penal na periferia de Salvador para onde são levadas aquelas pessoas suspeitas de cometerem qualquer tipo de delito, ou mesmo suspeitas de estarem por praticar ainda.

A colônia é absolutamente ilegal, pelo que se vê, pois no Brasil, como em qualquer país civilizado, a pessoa é inocente até prova em contrário do acusador. Sobre a ilegalidade das prisões feitas pela Polícia Militar de Salvador, basta apenas lembrar o que o Edmundo Benevides de Azevedo disse: "A polícia não tem atribuição de segregar ninguém porque isto é competência do judiciário."

Mas o juiz se esqueceu que as leis no Brasil são feitas apenas para os brancos da classe média pra cima. No caso de pessoas pobres (e ainda com o agravante da pele negra), a abertura, a democracia, as leis, simplesmente deixam de ter validade.

Daí que Pedra Preta é o lugar onde a PM

Edilson.



recolhe quem ela quer. Existem pessoas que são detidas até porque disputaram um amante com um policial e coisas do gênero. Os policiais prendem quem eles quiserem e mandam para Pedra Preta. Não há o mínimo controle judicial.

Cabe lembrar também que não existe no Brasil o instituto da prisão cautelar, que é o diploma legal que daria "legitimidade" a este tipo de prisão, ou seja, as autoridades policiais poderiam prender pessoas apenas por suspeição. Mas tudo isto é desnecessário quando se trata de pessoas pobres. A polícia pede documento a um suspeito na rua e se ela não for com a cara do indivíduo manda-o para Pedra Preta.

Acontece que Edmilson, Antônio e Paulo se revoltaram contra esta discriminação racial, econômica e social e tentaram fugir da prisão ilegal da Polícia Militar no dia 13 de março passado. Mas quando estavam para escapar, 18 policiais munidos de fuzis, cassetetes e estacas arrancadas de uma cerca saíram em sua perseguição. Os três foram rendidos e jogados ao chão. Sem nenhuma arma e totalmente indefesos, foram vítimas de um massacre por parte dos 18 policiais que lhe quebraram as costelas, arrebentando-os de pancadas.

O governador Antônio Carlos Magalhães, que vive apregoando aberturas e respeito à legalidade democrática, fez apenas um muxoxo e nem sequer exonerou o diretor da penitenciária ilegal. Já os 18 agentes policiais responderão a um inquérito em que, de antemão, já estão absolvidos.

Se houvesse no entanto em nossa sociedade pessoas realmente solidárias com o

sofrimento das classes pobres, seria a hora de acionar o governo da Bahia para que este prestasse contas da existência de centenas de prisioneiros recolhidos em Pedra Preta sem mandado judicial. Se os comitês de anistia e outras organizações de Direitos Humanos não fossem apenas instrumentos da corrida para o poder da pequena burguesia, seria hora de impetrar um "habeas corpus" coletivo para soltar todos os prisioneiros de Pedra Preta, pois nenhum deles têm culpa formada. Todos, sem exceção, foram vítimas da arbitrariedade da Polícia.

QUESTÃO DE CLASSE

Mas não. Isto jamais acontecerá. Nenhum dos negros pobres presos em Pedra Preta ilegalmente milita no Partido Comunista Brasileiro, no Partido Comunista do Brasil ou outra destas organizações de classe média. Portanto, bobagem deles pensarem que são seres humanos plenos de direitos como os filhos da pequena burguesia.

Os jornais da dita imprensa alternativa de "esquerda" fazem o maior alarido porque ainda resta um prisioneiro político no Ceará, mas se recusam a ver que centenas de seres humanos estão sendo torturados DIARIAMENTE em Pedra Preta por uma polícia arbitrária que só faz defender os interesses das classes dominantes, o que transforma os presos de Pedra Preta em prisioneiros políticos, automaticamente.

No fundo, no fundo, a classe média branca que se diz socialista, acha que realmente aquela "negrada" presa em Pedra Preta merece mesmo é cadeia. Mas haverá no entanto o dia em que esta mesma "negrada" fará sua vingança. Ela aliás já começou. A violência urbana no Brasil é o produto da opressão de um sistema econômico que só vê como participes os brancos da pequena e da grande burguesia. A resposta dos mais de 60 milhões marginalizados está sendo bem clara — eles não darão tréguas às injustiças, ao desemprego, às arbitrariedades policiais. Podem montar quantas prisões ilegais quiserem. Façam quantas Mão Brancas fizerem. A violência popular não dará um dia de descanso mais às classes privilegiadas, venham elas fantasiadas de "esquerda" ou venham vestidas de polícia defendendo os interesses da direita burguesa.

A. C. Pacheco

AFEGANISTÃO: O VIETNÃ DOS RUSSOS.

A aristocracia burocrática do Kremlin acertou em suas previsões a respeito do esquecimento por parte da imprensa mundial dos acontecimentos no Afeganistão. Afinal, sempre surgem novos focos de interesse no cenário mundial e pouco a pouco um assunto palpitante como a invasão soviética vai se tornando monótono, e é relegado a segundo plano.

Os estrategistas marxistas só se esqueceram de uma coisa: da profunda crise que se estabelecerá dentro da própria União Soviética e entre os países do Terceiro Mundo por causa da ocupação do Afeganistão.

As consequências só serão medidas daqui a algum tempo, como ocorreu quando os Estados Unidos resolveram mandar soldados ao Vietnã para sustentar um regime títere. Na época os americanos não poderiam imaginar o potencial destruidor para sua credibilidade internacional que a guerra do Vietnã teria.

No plano interno os russos enfrentarão um ressurgimento do Islamismo dentro de seu território. Não que a religião tenha função de progresso na história, mas o simples fato do Islamismo se contrapor ao regime totalitário soviético, já fará dele o instrumento privilegiado de revolta dos povos da Ásia Central colonizados barbaramente pelos russos brancos europeus. Uma prova concreta disto é que a Rússia está retirando pouco a pouco os seus contingentes militares do Afeganistão formados por povos assemelhados ao afegane, como os kirguizes, turcomenos, kazakhs e usbeks que habitam as repúblicas da Ásia Central soviética.

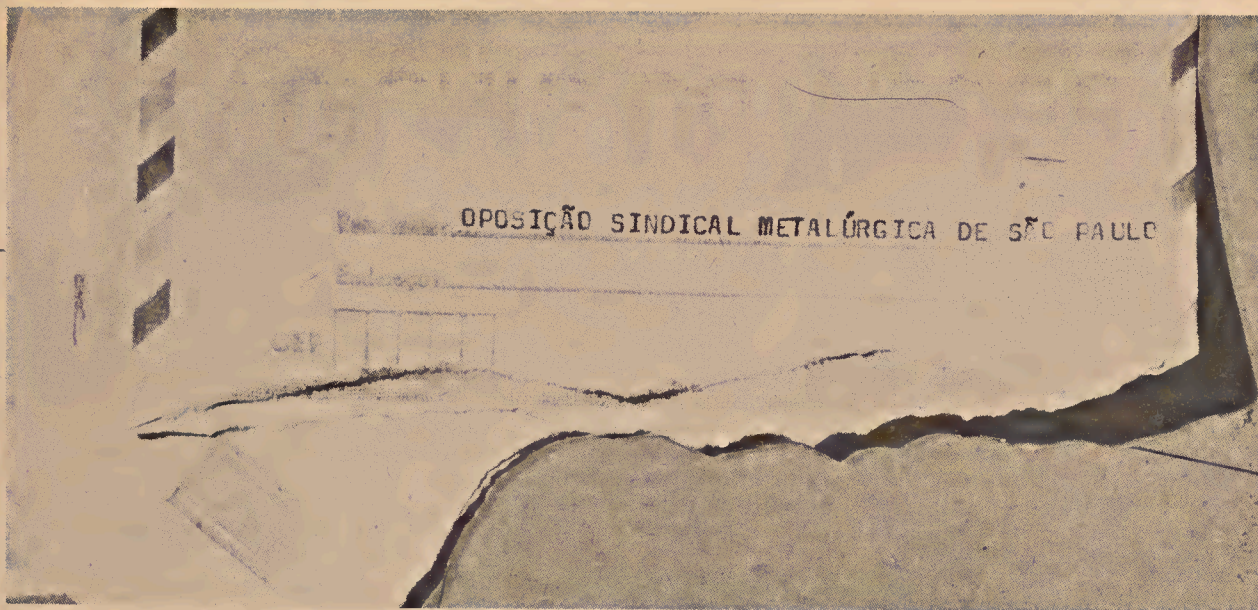
O afastamento gradativo se deve ao fato de que começou a haver uma espécie de confraternização surda entre os soldados destas nacionalidades soviéticas e os povos do Afeganistão. Muitos soldados de

ocupação inclusive adquiriram o Corão (livro sagrado dos muçulmanos) e o leram avidamente, já que na União Soviética é proibido por lei a impressão deste livro.

A providência russa de mandar soldados brancos do Cáucaso e Europa para substituir os centrásiáticos é apenas um paliativo. Os povos que vivem no Kazakhs, Turcomenistão, Usbekistão e Kirguizistão subjugados pelos russos brancos podem ser subdesenvolvidos mas não são imbecis. Eles sentem que a proibição, por exemplo, contra o Corão, é apenas um artifício do governo de Moscou para que eles não criem uma cultura tão forte que exija a independência do jugo russo.

E é esta compreensão que fará com que o império soviético se desmorone, mais dia, menos dia.

Antônio Carlos Pacheco



CARTA ABERTA AOS TRABALHADORES E À OPINIÃO PÚBLICA EM GERAL

Nós, da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, denunciámos fatos ocorridos na porta do Sindicato dos Metalúrgicos, no dia 14.12.79 às 20:30h, que merecem ser repudiados, sem o que correremos o risco de os trabalhadores serem impedidos de participar no seu órgão de classe por bandos de irresponsáveis a serviço dos patrões e do governo.

Na porta do Sindicato, a partir das 18:00 horas, postaram-se cerca de 30 indivíduos, comandados por Clóvis Gentil da Costa, que estavam armado de uma corrente, e aos altos brados, tentavam vender o Jornal Hora do Povo, juntando palavras de provocação aos companheiros metalúrgicos sindicalistas, membros dos comandos de mobilização e da Oposição Sindical Metalúrgica, que se destacaram nas últimas lutas da

categoria E importante notar que nenhuma das pessoas que vendiam Hora do Povo era da categoria, haja visto que todos ficaram na rua, enquanto a Assembléa transcorria normalmente no Interior do Sindicato. Terminada a Assembléa, esses mesmos indivíduos, a partir desse momento dirigidos por Ubracl Dantas de Oliveira e Aparecida Malavazzi, começaram a agredir verbalmente os companheiros sindicalistas da Oposição e dos Comandos e, impedir que pudessem retirar-se para as suas casas. Não contentes com isso, partem para agressões físicas, munidos de correntes e cassetetes e com ajuda de pessoas da Diretoria do Sindicato. Os companheiros Vito Giannotti e Raimundo de Oliveira foram perseguidos e sobre eles foram atirados paus, pedras e garrafas. O companheiro Raimundo foi alcançado e agredido a murros e pontapés tendo sido medicado no Pronto Socorro. E só não conseguiram a eliminação física destes companheiros porque con-

seguiram refugiar-se num clube, na Rua Tabatinguera.

Esses indivíduos são os mesmos que, na nossa última Campanha Salarial em vez de denunciarem as prisões e violências praticadas pela polícia, a serviço dos patrões, investiram contra os companheiros que deram total dedicação à luta.

E a prática dos indivíduos desse jornal já foi repudiada no recente Congresso da anistia, em Salvador, no I Congresso Contra a Censura, em São Paulo, pela plenária dos delegados de área do Rio de Janeiro (que correspondem aos Comandos de São Paulo), pelos metalúrgicos de Guarulhos reunidos em assembléa, e pela Pastoral Operária.

São os mesmos que querem que os trabalhadores aceitem o Pacto Social que beneficia os patrões em prejuízo dos trabalhadores. São os mesmos que, não conseguindo convencer os trabalhadores, através da discussão democrática, lançam mão da calúnia e da agressão física. São aqueles que, batendo no peito, se dizem marxistas-leninistas, mas no entanto arman-se de correntes e cassetetes, vão à porta do nosso Sindicato colocar os operários "aventureiros" na linha. Para nós, eles não passam de elementos que usam métodos fascista para intimidar os trabalhadores. O que eles pretendem é afastar os operários e, junto com os pelegos, fazer seus acordos com os patrões.

Entendemos que é necessário que todas as forças democráticas desse país repudiem, de forma veemente, essa ação fascista, pois senão correremos o risco de não conseguirmos uma democracia para os trabalhadores, camponeses e setores progressistas. Mas sim uma democracia de bandeireros que fazem valer sua vontade através da perseguição e da violência de nossa parte, declaramos, em alto e bom som, que continuaremos atuando em nosso Sindicato para desarticular o Ministério do Trabalho e dos pelegos. Continuaremos sindicalizando os companheiros, lutando dentro das fábricas e organizando a categoria, pela base, através das Comissões de Fábricas. Continuaremos lutando para que os trabalhadores tenham salários e condições de vida digna.

São Paulo, 15 de dezembro de 1979.

Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo.

FASCISMO PROLETÁRIO?

No dia 14/12/79 às 20h30, na porta do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Paulo, 30 elementos adeptos do Jornal 'A HORA DO POVO', estranhos à categoria profissional, agrediram os membros da Oposição Sindical Metalúrgica com cassetetes, correntes e barras de ferro, resultando ferimentos em Vito Giannotti e Raimundo de Oliveira, este, medicado no Pronto Socorro.

'Só não conseguiram a eliminação física destes companheiros porque conseguiram refugiar-se num clube, à rua Tabatinguera.' (Carta Aberta aos Trabalhadores e à Opinião Pública em Geral) da Oposição Metalúrgica. O que é de pasmar, é que os membros da Oposição Sindical refugiar-se no Clube Militar lá existente (R. Tabatinguera), onde um coronel de revólver na mão impediu a invasão e agressão aos operários chamados: — Vocês têm que respeitar quem pensa diferente!

Tais acontecimentos suscitam reflexões. Os agressores são os mesmos que na última campanha salarial dos metalúrgicos investiram contra seus companheiros que deram 'força total' à campanha. Além do mais, são os que querem que os trabalhadores aceitem o famigerado 'Pacto Social' que beneficia exclusivamente a classe patronal, em suma, 'são aqueles que batendo no peito se dizem marxistas-leninistas, mas no entanto, arman-se de correntes e cassetetes e vão à porta de nosso Sindicato colocar os operários 'aventureiros' na linha.' (Carta Aberta, acima citada).

Isso mostra até que ponto o autoritarismo não se constitui em privilégio exclusivo do Estado e de seus agentes, porém, como um cancro infiltrou-se nos poros da sociedade civil, especialmente, no seio de grupúsculos que se jactam de dialéticos, porém, usam práticas fascistas, como meios para chegar a seus pretensos fins: libertar a classe operária da exploração e da dominação. Ora, os fins a atingir são definidos pelos meios empregados, jamais se conseguirá desalienar uma classe batendo em seus membros com cassetetes, correntes, barras de ferro. Deus livre a classe operária de tais libertadores, ao contrário uma das condições de auto-libertação da classe consiste em livrar-se de tais 'libertadores' ou 'representantes'.

Tais práticas fascistas mostram que, embora o fascismo como sistema político e ideologia tenha

servido de escudo aos grandes monopólios na Itália e Alemanha, suas práticas se universalizaram no meio operário por meio de um seu irmão/inimigo: o stalinismo.

Estalinismo representou na história do movimento operário a formação de partidos que usam linguagem de 'esquerda' e realizam uma prática 'Político-Social' conservadora, no melhor dos casos, próxima à direita tradicional.

Eis que, a intolerância à divergência, o extermínio físico dos opositores no campo operário, a calúnia como arma política contra os 'heréticos' e 'clismáticos' se constituíram num arsenal político do stalinismo, especialmente vigoroso entre as décadas de 30/40.

Foi na Espanha, em plena guerra civil, que na área dominada pelo estalinismo deu-se uma das maiores repressões que a história conheceu à esquerda não autoritária. Assim, militantes da CNT (Confederación Nacional do Trabalho, de tendência socialista-libertária), membros do POUM (Partido Obrero de Unificación Marchista), foram presos, torturados e mortos nas 'tchekas' constituídas pelos adeptos de Carrillo. Enquanto lutavam contra Franco, esses militantes eram fuzilados pelas costas pela GPU (Policia Secreta), a serviço do stalinismo. Resultado: foi mais, graças a essa repressão à esquerda não autoritária e menos ao apóio de Hitler e Mussolini que Franco venceu a Guerra Civil, submergindo a Espanha em 50 anos de trevas.

A memória histórica é curta, especialmente no quadro brasileiro.

Práticas autoritárias fascistas praticadas por minorias no meio operário, se constituem no maior entrave ao crescimento da consciência social e política do operariado, socializam a insegurança e o medo; isso merece o repúdio da sociedade civil.

Eis que, as divergências entre as várias facções no meio operário devem ser resolvidas mediante a discussão ampla e aberta dos problemas e não de sua 'repressão' mediante a violência de grupos organizados contra seus companheiros. Embora, a bem da verdade, seja importante notar que nenhuma das pessoas que vendiam a HORA DO POVO era da categoria (metalúrgicos), haja visto que todos ficaram na rua, enquanto a Assembléa transcorria normalmente no Interior do Sindicato! (Carta Aberta citada).

Isso mostra que os agressores eram figuras estranhas à categoria preocupados em aterrorizar aqueles que não rezavam por sua cartilha, que não aceitavam o celeberrimo 'Pacto Social', no melhor estilo de uma prática fascista, que, na falta de melhor qualificação, entendo como fascismo proletário, isto é, fascista de burocratas em clima de proletários.

É bem verdade, que, tal prática fascista fora repudiada no Congresso da Anistia de Salvador, no I Congresso contra a Censura em S. Paulo, na Plenária dos Delegados de Área do Rio de Janeiro (que corresponde aos Comandos em S. Paulo), pelos metalúrgicos de Guarulhos em Assembléa e pela Pastoral Operária. Porém, isso não basta.

Mais do que o repúdio a essa prática fascista dos adeptos da 'HORA DO POVO', incumbe aos trabalhadores autênticos, organizados sob várias formas (Oposição Sindical, Associações de Bairro, Comunidades de Base) colocar em xeque esse fascismo proletário nascente, mediante a conscientização de que a imposição de qualquer 'verdade' pelo terror, no meio operário, está a serviço de seus piores inimigos, daqueles que exploram o trabalho operário na fábrica, como daqueles que a pretexto de se autoproclamarem sua 'vanguarda consciente e organizada', pretendem unicamente o poder de Estado, para se construir em nova classe exploradora.

Métodos repressivos utilizados contra a classe operária por qualquer facção — por mais 'bem intencionada' que esteja subjetivamente —, objetivamente, contribuem para o obscurantismo, a intolerância e a prepotência pretensosa ocuparem o espaço da discussão aberta, da crítica serena, condição da formação de uma consciência social e política.

É hora de lembrar a Espanha de 1936/39, onde êmulos espanhóis a 'A HORA DO POVO' esmagaram as correntes de esquerda não-autoritárias, permitindo a emergência e vitória do franquismo. Ainda sobra tempo para meditar nisso, porém, esse tempo é exiguo.

Maurício Tragtemberg
Professor da Esc. de Adm. de Empresas da FGV e da UNICAMP

VIOLÊNCIA NA PORTA DO SINDICATO



Depois da nossa última greve, os pelegos e seus carrapatos ficaram com mais bronca da Oposição Sindical e de todos os companheiros combativos.

É que não deixamos que eles manobrassem à vontade o nosso movimento. Participamos de todas as assembléias, da Comissão de Mobilização, das reuniões nas sub-sedes, nos comandos. Ficamos sempre atentos, denunciando e impedindo as sacanagens e as traições que os pelegos e seus amigos tentaram fazer o tempo todo, para boicotar a nossa greve. Ficamos junto à categoria até o fim, respeitando a vontade da maioria e não trocando a sua confiança por nenhum acordo traidor com patrão ou com pelego.

Bom. Isso tudo trouxe resultados que os pelegos e puxa-

sacos odeiam. Conseguimos as sub-sedes. Centenas de companheiros compreenderam a importância de comparecer às assembléias do sindicato, de participar dos comandos, das comissões. Perceberam que a união, a decisão por maioria e a organização pela base são os melhores instrumentos para avançar na luta.

Aí a pelegada não gostou. Fechou as sub-sedes e ultimamente, pensa nos atemorizar usando violências, calúnias e ameaças para afastar os companheiros mais lutadores. Arrumam mil dificuldades pros companheiros entrarem no sindicato, barram gente na porta. E quando ficam desesperados chamam uns leões-de-chácara pra usarem de violência física contra os nossos companheiros.

Isso aconteceu no dia 14 de dezembro, quando Clovis Gentil da Costa (estranho na categoria) liderou um bando de alucinados que vendiam o jornal HORA DO POVO na porta do sindicato. Junto com membros da diretoria mais Ubiraci Dantas de Oliveira e Aparecida Malavazzi, agrediram companheiros da Oposição Sindical. Armados de correntes e cassetetes feriram os nossos companheiros Vito Giannotti e Raimundo de Oliveira que foram parar no Pronto Socorro.

É bom que este pessoal termine de se desmascarar de vez. A categoria já aprendeu a repudiá-los, vaiando-os nas assembléias. Agora eles mostram, na prática como a democracia de que eles vivem falando é igualzinha a do Figueiredo. E os métodos iguizinhos aos da polícia.



A HORA DO POVO

Lúcia Barreto

No momento em que a classe operária no Brasil se reorganiza na luta contra a exploração econômica e contra a expropriação política de que vem sendo vítima, verifica-se de todos os lados tentativas de detê-la nesse processo de extrema importância para a sua afirmação como força econômica-política autônoma.

As tentativas das classes proprietárias e do Estado são já bastante conhecidas; tornam-se explícitas nos momentos mais agudos da luta de classe, como, por exemplo, nas últimas greves verificadas em todo o Brasil. Quando a classe operária sofreu pressões de todas as formas, através do conjunto do aparato estatal e das instituições burguesas diretas e imediatamente interessadas em esvaziá-la. A imprensa mentiu a respeito de muitos fatos. A polícia assassinou e feriu. O sindicato pelego se omitiu, quando o patronato mandou prender e agora aparece com mais uma novidade: o "Pacto Social".

Idéia que vem sendo discutida pelo ministro do Planejamento, sr. Delfim Netto, e alguns líderes sindicais em sessões particulares e secretas, à Intelia revella da classe operária, em nome da qual esses líderes pretendem falar.

Que o peleguismo escrachado de um Joaquim permita segredinhos de alcova com as autoridades estatais e membros das classes proprietárias é mais do que compreensível; é o que se espera de tal espécie de "líder". Mas o que é inteiramente incompreensível é o fato de líderes que se autodenominam autênticos portadores dos interesses da classe operária se permitam tais comportamentos. É uma atitude perigosa à qual a classe operária brasileira tem que estar atenta a cada minuto, evitando que um discurso inflamado e bem articulado, aparentemente defendendo os seus legítimos interesses, possa estar encobrindo uma prática que nada tem a ver com eles.

Como é possível considerar como democrática a atuação dessa liderança que se separa das bases e se fecha com representantes do Estado e do Capital para discutir questões do mais extremo interesse dessa base.

Neste sentido é preciso pensar se a criação do P.T. não obedecerá também a esta lógica, isto é, à elaboração de um programa, de uma definição política imposta de

cima para baixo, formulada à Intelia revella das bases operárias por alguns cérebros iluminados.

Se assim for em nada diferirá dos vários partidos que se autodenominam trabalhistas, nem tampouco daqueles que se colocam como a vanguarda operária e que na verdade nada mais são que organizações burocráticas, que se utilizaram sempre do poder que tiveram nas mãos, para frear o ímpeto das massas na luta por seus interesses e objetivos históricos.

É preciso estar certo de que o P.T. não correrá o risco de se tornar uma armadura de aço imposta à classe operária, como o melo mais adequado de proteger seus interesses. Proteção esta que, em 1964, lhe impediu de se movimentar politicamente, tamanho o peso de tão grotesca e inadequada vestimenta.

O melo mais adequado para proteger os interesses da classe operária chama-se organização pela base, levada adiante pelos próprios trabalhadores como um todo, através, por exemplo, dos conselhos ou comissões de fábrica, eleitos em Assembléias Gerais, podendo seus membros serem afastados de seus cargos a qualquer momento, desde que determinado pela mesma.

Isto não constitui nenhuma receita abstrata; é a própria história dos movimentos operários que tem demonstrado ser este o caminho mais seguro para se evitar a burocratização das organizações operárias, a alienação política e a separação entre dirigentes e dirigidos.

Nesse momento que o Brasil atravessa, onde pululam grupos organizados lutando para abocanhar gulosamente o "excedente político" que as últimas mobilizações da classe operária gerou, é preciso impedir que se inicie tudo de novo, que se cala novamente numa nova ditadura ou num pacto reformista com o Estado e o Capital, onde a classe operária só teria a perder.

Esses grupos políticos ou partidos entraram em verdadeiro desespero, pois constatam amargamente que se eles (vanguardistas) não aprenderam com seus erros, a classe operária aprendeu. Tanto aprendeu que sofreu, há pouco, consequências desse seu grito de autonomia, dessa força política que começa a ganhar expressão.

Com tantos partidos e sub-partidos prometendo e pregando por aí as liberdades, desde as relativas, as parciais, as liberdades sem libertinagens, até as totais e irrestritas, me vi obrigado a pensar e escolher entre tantas "liberdades".

Sinceramente não conseguir enxergar mais que uma, a do indivíduo, que, aliás, não está em oferta. Como conceber uma sociedade livre, onde cada indivíduo não seja livre?

Val a pena questionar a liberdade individual. Na sociedade em que vivemos, consigo entender como liberdade individual, aquela que independe de toda repressão e imposição de fatores econômicos ou de origem institucional, ou seja, aquela que depende de cada um.

Esta liberdade, só vejo possível, questionando cada um dos pré-conceitos à nós impostos em nossa formação.

Desde o pré-conceito sexual (não entendendo alguém negar o próprio tesão), passando pela nossa formação escolar,

moral, cívica, até a mais sutil e perigosa, (por nos ter sido imposta antes mesmo da escolar), a religiosa;

Afinal, como pode um democrata-cristão-ocidental, tirar um sarro de um iraniano, se auto-flagelando com chicote, se ele mesmo tem a competência de ajoelhar (juntamente com toda família), diante de um altar (?)

Pode ser menos doloroso, mas não é menos idiota, absurdo e submisso.

Acho que um indivíduo só pode conceber sua liberdade, se se propuser a questionar toda sua formação, isto é, todos os pré-conceitos sexuais, religiosos, raciais, políticos e sociais que absorveu por imposição até hoje.

Numa sociedade onde se processa isto com cada indivíduo, consigo conceber uma sociedade livre, melhor ainda, uma sociedade de indivíduos comprometidos com suas causas.

Um indivíduo que se submete a um processo de questionamento individual,

fatalmente, passa por um processo de conscientização.

Assim quando se propuser a participar de um movimento de classes x, de minorias raciais, sexuais, políticas, artísticas... estará consciente e comprometido até o pescoço com este grupo.

Ele fatalmente será fiel ao ideal, e não fiel ao líder será solidário ao companheiro, e não fiel a um partido, porque prezará a sua liberdade, individual ao ponto de não submetê-la a "ordens superiores", que ele mesmo não tenha discutido, e concebido como realmente coerentes com ideais e objetivos, seus e de seus companheiros.

Ai sim submeterá seus interesses e benefícios próprios, ao bem coletivo (ao invés de ser submetido ou subjugado por um líder, partido ou instituição, porque compreenderá que a sua liberdade só é garantida pela liberdade dos companheiros.

Voltando à "vacuária", quando vejo estes novos partidos prometendo "liberdade por decreto-lei", trocando liberdade por voto ou adesão, sem abrir caminhos para a liberdade individual, fico apreensivo: concluo que esta nova oposição é a oposição que o sistema pediu ao deus (deles); concluo que se existe Deus, Ele não é brasileiro, ele é da situação, consigo até arriscar uma "autópsia", para o Petrônio Portela: — "morreu de sacanagem".

Pois para pensar numa reforma partidária desta (deve ter feito tanta sacanagem que morreu).

Por via das dúvidas, se aparecer um grupo, partido, subpartido, prépartido, legal ou com papelada no cartório, oferecendo liberdade a troco de banana, pede certificado de garantia pergunta se é extensivo à família, não esquece de perguntar o preço real.

LECO

NEM DEUS NEM ESTADO NEM PATRÃO: AUTOGESTÃO



AUTOGESTÃO E SINDICALISMO

1. Autogestão significa gerir-se a si próprio. De certo modo, os patrões poderiam ser classificados como partidários da autogestão, na medida em que acham que eles próprios devem gerir suas empresas...

Porém quando se diz Autogestão dos Trabalhadores, ou então GESTÃO OPERÁRIA. Este termo é mais preciso.

Entretanto GESTÃO OPERÁRIA não significa pôr um ou um grupo de operários na direção da empresa, tendo por tarefa substituir o patrão. Inicialmente porque seria muito provável que o operário em questão não fosse capaz de gerir a empresa, e depois porque nada de fundamental seria mudado: não haveria mudanças de explorador.

2. AUTOGESTÃO é pois a gestão operária coletiva da empresa. Mas se for só isto nos percebemos que já existe no regime capitalista: é o cooperativismo. Existem empresas que pertencem aos operários que lá trabalham e que são geridos por eles, conseqüentemente poderíamos afirmar que nessas organizações existe uma forma de AUTOGESTÃO.

Isto, entretanto, é falso, pois essas empresas estão sujeitas às leis da concorrência capitalista e comportam-se no quadro global da economia como tivessem apenas um modo diferente de gestão.

Se levarmos o exemplo ao extremo limite, poderemos imaginar um país onde todas as empresas sejam geridas pelos trabalhadores ou por um coletivo eleito e revogável, mas onde todas as relações interempresariais sejam estritamente as mesmas que as de um regime capitalista: os patrões

meteriam nos bolsos os lucros das empresas geridas pelos seus empregados. As empresas manter-se-iam em feroz concorrência, os operários de cada empresa querendo ganhar mais do que os das outras. A autogestão não pode, portanto, limitar-se ao quadro da empresa; tem que se estender ao conjunto da sociedade.

3. A gestão operária coletiva implica que os proprietários sejam expropriados, isto é, que não só a gestão seja coletiva, mas a apropriação da "mais valia" seja também coletiva.

Podemos, pois, definir AUTOGESTÃO como um sistema social em que a organização das empresas se faz por gestão operária coletiva, em que cada unidade de produção esteja ligada às outras unidades que fazem parte do mesmo ramo industrial. Isto permite coordenar suas atividades no interesse coletivo e não só no único interesse cooperativista dos trabalhadores desse ramo.

Além disso cada ramo de produção está ligado ao conjunto dos outros ramos de produção, a fim de coordenar a atividade do conjunto da economia no interesse da coletividade. A AUTOGESTÃO É PORTANTO UMA FORMA DE PROPRIEDADE COLETIVA.

AUTOGESTÃO, FORMA DE PROPRIEDADE

4. Já dissemos que a AUTOGESTÃO, para ser real, implica a expropriação dos capitalistas. Trata-se de substituir um sistema de propriedade por outro: A PROPRIEDADE COLETIVA.

A propriedade individual caracteriza-se pela detenção dos meios de produção e uso dos produtos do trabalho coletivo por uma minoria. A propriedade coletiva é a detenção e uso dos meios de produção pela coletividade e a distribuição dos produtos do trabalho à coletividade.

A AUTOGESTÃO implica um sistema de propriedade que assegure à coletividade o uso dos meios de produção e o desfrute dos produtos do trabalho. Só a AUTOGESTÃO garante a propriedade dos meios de produção.

Os erros da análise sobre a natureza do Estado levaram a Escola Marxista a esperar que ele possa

assegurar à coletividade a propriedade dos meios de produção, este erro deriva do fato de que o Estado é concebido como um órgão podendo, indiferentemente, representar os interesses da burguesia ou do proletariado conforme a organização que mantenha o poder político, mantenha a propriedade privada ou, pelo contrário, estatize o conjunto dos meios de produção. Mas o Estado não é um instrumento "neutro", cujo caráter capitalista ou socialista dependa da minoria que detém o poder.

5 No quadro capitalista, é a propriedade jurídica privada dos meios de produção que garante efetivamente à burguesia a manutenção do poder nas suas mãos, e é este poder econômico que lhe permite fazer do aparelho do estado um instrumento seu, mas o que acontece quando os meios de produção se tornam propriedade do Estado?

Toda decisão referente à organização do trabalho, o uso dos meios de produção, o destino dos recursos e dos produtos; em suma, à propriedade destes meios de produção, está concentrado nas mãos de uma minoria, a propriedade só é coletiva para essa minoria. O Estado, neste aspecto de total concentração do poder de repressão nas mãos de uma minoria, quando se apropria dos meios de produção, tem na natureza fundamentalmente diferente do Estado burguês. A concentração nas mesmas estruturas do poder político e do poder econômico (fusão esta que não existe no estado burguês) aumenta o poder da minoria que detém o controle do aparelho de estado, mas não aumenta o das massas.

Criam-se privilégios para a minoria e mantém-se o sistema de exploração para a maioria. A propriedade não é coletiva mas oligárquica. Devemos nos preocupar menos com a forma de propriedade que com seu fundo: a propriedade privada é um modo que permite à minoria excluir das decisões a maioria, em relação ao produto social do trabalho. A propriedade de estado é uma variante da propriedade privada.

AUTOGESTÃO: UM PROBLEMA DE PODER

6. A autogestão é a forma de organização social que permite aos trabalhadores o domínio efetivo do poder, tanto econômico como político. A autogestão é um problema de poder. Podemos encarar de dois modos o problema do "o poder dos trabalhadores":

De modo subjetivo: uma minoria organizada decide, em nome de uma ciência qualquer ou com qualquer outra razão, representar os interesses da classe trabalhadora. Decorre daí, logicamente, que "o poder aos trabalhadores" significa exclusivamente o poder nas mãos dessa minoria. O problema do controle dessa minoria pelas massas é perfeitamente acessório. Esta maneira de encarar "o poder aos trabalhadores" significa a centralização absoluta, não somente dos meios de repres-

são, mas de toda a decisão em relação à organização econômica e política da sociedade, nas mãos dessa minoria. Isso significa, na realidade, a apropriação de fato dos trabalhadores de todo o poder político e econômico em benefício de um poder centralizado.

7. De modo objetivo: para aqueles que não acreditam em magias, "o poder aos trabalhadores" é aquele que é exercido pelos próprios trabalhadores, e não o exercido, em seu nome por um grupo pretensamente qualificado. O poder dos trabalhadores é, portanto, essencialmente descentralizado. Não se trata evidentemente de negar a necessidade de uma organização permitindo a coordenação das atividades da sociedade, portanto, de uma certa forma de "centralização". Queremos afirmar que se os organismos de base, ao seu nível, e na sua esfera de atividade, não têm nenhum poder, é uma mistificação falarmos de poder operário. E o mesmo se passa em todos os níveis intermediários de organização social se eles não forem eleitos e revogáveis pelas instâncias inferiores. Por isso, nós pensamos que "o poder aos trabalhadores" implica a descentralização e a extensão do poder.

UM PROBLEMA DE ORGANIZAÇÃO

8. Isto não significa autonomia completa para cada grupo de produção.

O poder operário é o poder da classe operária organizada, o poder coletivo dos trabalhadores. Não se trata, portanto, nem de se concentrar o poder nas mãos de uma minoria irremovível "de cúpula", nem de permitir a uma minoria de "base" bloquear as decisões coletivas dos trabalhadores.

O verdadeiro problema do poder operário é de organizar estruturas de base num conjunto coerente. Essa forma de organização, nós a chamamos de FEDERALISMO.

O FEDERALISMO permite aliar as vantagens do "centralismo" e da "descentralização" sem seus inconvenientes. Deixa as iniciativas se exercerem livremente e permite a coordenação necessária do conjunto de atividades. Os organismos de base decidem a política a seguir em todos os níveis de organização. Uma vez essa política determinada em congresso, as decisões são aplicáveis por todos.

O FEDERALISMO não exclui a autonomia dos organismos de base, assim como das estruturas intermediárias, mas implica que os diferentes níveis não ultrapassem seus direitos. Cada empresa determina através dos seus órgãos eleitos, um certo número de pontos a propor ao congresso de seu ramo industrial (a qual por sua vez está representada num organismo econômico-geral). Há, portanto, duas correntes: a discussão e a deliberação, que é uma corrente centrípeta e que leva a uma decisão coletiva; depois há a aplicação geral. A disciplina face a uma decisão tomada não é submissão, mas sim aplicação de uma decisão coletiva. O FEDERALISMO implica que cada instância se mantenha estritamente no seu campo e não invada o dos outros. Este princípio é válido nos dois sentidos: tal como uma empresa não está habilitada a tomar sozinha uma decisão que diga respeito ao conjunto do seu ramo econômico, também o organismo que representa o ramo econômico não pode substituir os trabalhadores. O único critério de referência, e eventualmente, de controle, são as decisões tomadas em congresso. O controle é automático nos dois sentidos: a unidade (a empresa) vela para que seja preservada a sua autonomia no quadro estrito das atribuições, o número (o ramo) vela para que sejam cumpridas as decisões do congresso. A autoridade das instâncias federais superiores (controladas e revogáveis pelas instâncias inferiores) repousa não numa polícia secreta ou em canhões apontados, mas sobre as decisões coletivas livremente debatidas. O FEDERALISMO é o meio de estender a AUTOGESTÃO ao conjunto da sociedade.

9. Na AUTOGESTÃO, tal como a concebem os anarco-sindicalistas, é impossível dissociar a organização da empresa a organização da sociedade. A AUTOGESTÃO SOCIAL SÓ É POSSÍVEL COM A AUTOGESTÃO DAS EMPRESAS. E A AUTOGESTÃO DAS EMPRESAS SÓ É REAL SE FOR COROADA

PELA AUTOGESTÃO SOCIAL. É por isso, evidentemente, que a verdadeira dificuldade não reside no modo como será organizada a empresa, mas nas modalidades de organização do conjunto.

Este último ponto é raramente tratado, primeiro porque é espinhoso, e depois porque é aí que se situam as verdadeiras divergências entre as correntes que se reclamam ou pretende reclamar da AUTOGESTÃO.

Temos que distinguir entre o que consideramos como verdadeira AUTOGESTÃO, AUTOGESTÃO SOCIAL, e as recomendações daqueles que não fazem mais do que preconizar a adaptação dos atuais comitês de empresa! Estes não querem transformar nos seus alicerces as relações de produção existentes nos regimes capitalistas ou socialistas de Estado.

A AUTOGESTÃO E O ESTADO

10. Isto nos conduz a tratar o problema do Estado. A AUTOGESTÃO, que implica uma organização racional muito elaborada, necessitando de um mínimo de coerção, é a negação do Estado. Este é o instrumento de repressão a serviço da classe dominante. E mais ainda, é o instrumento de repressão a serviço de uma CLASSE DOMINANTE DE EXPLORADORES. É "o monopólio do uso exclusivo da força armada sobre um dado território". O Estado é sempre um aparelho centralizado que concentra nas mãos de uma minoria todo o poder. Na concepção subjetivista é suficiente destruir o Estado burguês, estatizar os meios de produção, planificar centralmente para estabelecer o Estado Operário. Trata-se, para uma minoria, de tomar o poder em nome dos trabalhadores. O poder não é exercido pelos trabalhadores porque seu poder não pode concentrar-se no Estado. O poder dos trabalhadores, parte dos trabalhadores e organiza-se a partir dos trabalhadores. Mas "o poder aos trabalhadores" é, em si, uma noção vaga. O que conta é a AUTOGESTÃO dos trabalhadores organizados como classe. É neste sentido que nós nos opomos à "política partidária". O verdadeiro poder dos trabalhadores é um poder social exercido pelos produtores. O Estado tradicional não o pode exercer. O poder do Estado é um poder centralizado, exercido por uma minoria que detém o monopólio por sua própria conta ou por conta de uma minoria de exploradores. A AUTOGESTÃO destrói esse tipo de poder, para substituí-lo pelo dos trabalhadores nos seus organismos de base. A AUTOGESTÃO torna inútil o Estado.

UM PROBLEMA DE CLASSE

11. Observando as classes que se sucederam no poder, verificamos que a burguesia desenvolveu as bases do seu poder no interior do feudalismo. Também o operariado desenvolve as bases do seu poder no interior do sistema capitalista graças ao desenvolvimento da tecnologia industrial. Mas as semelhanças terminam aqui: enquanto a burguesia controlava a vida econômica muito antes de tomar o poder do Estado, enquanto a burguesia se tornou classe dominante material e ideologicamente antes de afirmar sua dominação política, o proletariado não controlava a vida econômica. Não podemos explicar a transição de uma sociedade de classes em outra sociedade de classes por intermédio da mesma dialética que explica a transição de uma sociedade de classes para outra sem elas. Não podemos transportar o processo da chegada ao poder da burguesia para aplicá-lo ao proletariado.

Temos que encontrar o que caracteriza o proletariado e só este, no quadro da sociedade capitalista e o que constitui a base do seu poder, o que constitui a sua força revolucionária própria. É que é, como diz Marx, disciplinado, unificado e organizado pelo sistema industrial.

12. A burguesia, ao contrário, no momento do seu acesso ao poder político, se por um lado tinha desenvolvido as bases do seu poder, por outro, não estava organizada, isto é, não tinha dado uma forma a seu poder. Tinha necessidade do estado para formalizar esse poder, e

(como todas as sociedades de classe) para manter o sistema de exploração do qual emanava. O estado é essencialmente a forma de poder político de uma classe de exploradores.

A forma de poder político e econômico e, portanto, de AUTOGESTÃO o do proletariado, não reside no estado. Esta pelo contrário, contida em germe nas suas formas de organização existentes ou nas formas de organização que tende espontaneamente a formar na sua luta contra o patronato. Pela destruição do estado burguês e expropriação dos capitalistas, a tarefa do movimento operário revolucionário é o de dar um conteúdo ao seu poder, organizando a AUTOGESTÃO.

13. MAS QUAL É A ORGANIZAÇÃO DE CLASSE DOS TRABALHADORES? O PERTENCER A UMA CLASSE É DETERMINADO PELA FUNÇÃO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO, FUNÇÃO QUE TEM COMO CONSEQUÊNCIA INTERESSES DEFINIDOS. AS ORGANIZAÇÕES QUE AGRUPAM ATUALMENTE OS TRABALHADORES SEGUNDO ESTES CRITÉRIOS SÃO OS SINDICATOS OU, EVENTUALMENTE, OS COMITÊS DE GREVE, COMITÊS DE AÇÃO, CONSELHOS OPERÁRIOS, ETC. Não queremos, evidentemente, dizer com isto que os sindicatos, tais como eles são hoje em dia, estejam à altura (mesmo se o quisessem, o que está longe de ser o caso) de constituir a base de um processo revolucionário capaz de chegar a AUTOGESTÃO GENERALIZADA.

ENTRETANTO, É NOS SINDICATOS QUE O PROLETARIADO ESTÁ ORGANIZADO NUMA VERDADEIRA BASE DE CLASSE, E DEVERÁ ADOTAR ESTA FORMA DE ORGANIZAÇÃO PARA CONSTRUIR A AUTOGESTÃO.

Não falamos evidentemente do conteúdo atual dos sindicatos e de suas ações — burocráticas, reformistas, integrados ao Estado — que não são senão características acidentais e circunstanciais dos sindicatos. Se a AUTOGESTÃO se organizar um dia em oposição aos sindicatos atuais e fora deles, adotará, necessariamente. Uma forma de organização que se aproximará do sindicalismo. Aliás, não há diferença de forma entre os sindicatos reformistas e burocráticos atuais e os diversos organismos que os trabalhadores constituem espontaneamente para lutar contra o patronato; quando acham que o sindicato não faz o seu trabalho.

Estes organismos, que se constituem muitas vezes contra os sindicatos, reproduzem a sua forma de organização dando-lhe um conteúdo novo, mais combativo. Estes órgãos, portanto, apenas confirmam a perenidade desta forma de organização como organização da classe trabalhadora.

SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO:

A AUTOGESTÃO COMO FORMA DE LUTA.

14. A existência de comitês de luta e de outras formas de organização de "base" não se explica senão porque os sindicatos não constituem um instrumento de luta suficientemente adaptado aos olhos de certo número de trabalhadores (e de intelectuais!). Neste aspecto, portanto, estes camaradas parecem preconizar a AUTOGESTÃO como forma de luta. Infelizmente, numerosos teóricos dos "comitês de luta" mais não fazem que teorizar a sua impotência e a sua ignorância: nós já dissemos, aliás, que era mais fácil criar um comitê de luta com alguns "bons amigos" do que "pegar o touro a unha" e levar o combate às burocracias sindicais para seu próprio terreno. É também mais repouso para o espírito catalogar os sindicatos definitivamente como reformistas e burocráticos por natureza, do que procurar as causas históricas que os manietaram.

O sindicato, órgão permanente na luta contra o patronato, dá aos trabalhadores todas as garantias de seriedade e constância. Pode, graças as suas federações industriais, compreender a marcha da economia e organizar a luta geral quando chegar o momento.

O anarco-sindicalismo nascido diretamente do grande combate dos trabalhadores, apresenta-se como única possibilidade de ação para aqueles que querem não teorizar a AUTOGESTÃO, mas realizá-la. (a) ALIANÇA SINDICALISTA

O 5º CONGRESSO DA CNT E A CRISE DO ANARQUISMO

CLÁUDIO MIRANDA

Apesar das dificuldades e limitações de se escrever sobre um acontecimento sem estar no local onde este se realiza, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre o último Congresso da CNT e sobre o artigo de Sebastião Santa Rosa, publicado no IR n.º 9, que o procura descrever.

Achamos que o artigo de Santa Rosa omite uma série de informações sobre o Congresso, nos impedindo de ver o que realmente se passou naquele importante acontecimento político, além de, lamentavelmente, repetir velhos chavões triunfalistas sobre a "sempre pura e gloriosa CNT". O artigo de Santa Rosa nada nos revela sobre a profunda crise que a CNT e o anarquismo espanhol estão atravessando atualmente.

Segundo as detalhadas informações fornecidas pela insuspeita revista libertária espanhola Bicicleta (N.º 23-24 e 25), o referido Congresso, — longe de se caracterizar por debates livres e fraternos, "típico de congressos anarquistas", conforme escreveu Santa Rosa, — se distinguiu como palco de uma verdadeira batalha pelo poder, digna dos partidos mais leninistas. Uma batalha em que de um lado estavam os anarquistas puros e ortodoxos, e do outro lado estavam uma série de tendências que iam desde sindicalistas obreiristas a marxistas libertários.

Os ortodoxos, inicialmente contrários a realização do Congresso por temerem perder o controle da Organização, procuraram por todos os meios, libertários ou não, impedir uma real e livre discussão, com objetivo de fazer com que o Congresso unicamente ratificasse os sagrados e imutáveis princípios da CNT. E tudo indica que conseguiram.

O Congresso, que durou oito dias, mal conseguiu discutir a sua pauta. Somente para se escolher o sistema de votação — previsto para ser resolvido no início do primeiro dia — gastou-se 3 dias. Toda uma série de manobras, politicagens e agressões foram criando um clima de desânimo e desgaste que fizeram com que várias delegações fossem abandonando o Congresso, já a partir do terceiro dia, aos gritos de "viva a liberdade de expressão!". Ao final do Congresso, a situação era tal que, apesar dos ortodoxos terem conseguido eleger a nova direção da CNT, delegados de mais de 50 sindicatos elaboraram uma nota de protesto onde se denunciava que "desde o início do Congresso foi se dando uma progressiva deteriorização da liberdade de expressão com constantes ameaças, violências, assaltos ao microfone etc., até chegar a uma situação na qual se impediu o debate e a votação de moções supostamente minoritárias..." (Nota das delegações dissidentes; Bicicleta n.º 23-24). Estes sindicatos resolveram não só não aceitar o 5º Congresso como realizado, como também decidiram convocar um outorga para daqui a alguns meses. Posteriormente estes grupos criaram uma Comissão Confederal Impugnadora — que já conta com a adesão de quase 150 sindicatos — com o objetivo de impugnar o 5º Congresso e preparar a realização do outro (conforme Bicicleta n.º 25).

Em seu artigo, Santa Rosa não só trata superficialmente estes fatos, como também repete sem nenhum espírito crítico as explicações oficiais dos ortodoxos em relação aos conflitos e dissidências ocorridos no Congresso: "Houve bastante penetração de gente com idéias marxistas..." E mais adiante: "Estas foram as razões principais, afirma Gomes Casas, que nos impediram... de desenvolvermos uma dinâmica revolucionária... rials eficaz. Porém, temos que levar aos trabalhadores as idéias do



Madrid, 8 a 16 de dezembro/79
O V Congresso da Confederação Nacional Anarquista do Trabalho (CNT).

sindicalismo anárquico e libertário que só nós da CNT sabemos e preencher o espaço que nos pertence." (os grifos são nossos).

Quando ao caso de "Infiltração marxista" — que aliás, nos lembra muito chavão de direita — vejamos o que o sindicalista libertário Sebastián Pulgerver nos tem a dizer: "isto não é mais do que um bicho-papão, o velho bicho-papão que se utiliza quando se quer iniciar uma caça às bruxas. Quando não existe um trabalho sindical sério, quando não existem frutos desse trabalho..., vai se desenvolvendo uma atitude sectária e é preciso encontrar alguém em quem descarregar a culpa. Indubitavelmente na CNT existem marxistas, e é lógico que assim sejam, se é que se trata de uma organização sindical em que se valoriza o fato de classe e não o ideológico... temos que levar em conta, que o marxismo é a ideologia que mais se implantou no movimento operário precisamente pelas deficiências e erros do anarquismo dos anos sessenta. Mas se existe confiança nas estruturas próprias do anarcosindicalismo, em princípios tais como a autogestão, a não dependência de partidos, etc., a presença de marxistas na Confederação não deveria assustar a ninguém, seria inclusive uma amostra da importância do organismo, de sua vitalidade... Eu entendo que o marxismo deu ao movimento operário..., elementos valiosíssimos, de igual maneira que os deu o anarquismo enquanto ideologia. Manter hoje como polêmica fundamental a questão marxismo-anarquismo me parece fora de lugar." (El Viejo Topo n.º 32) qualquer semelhança com a recente polêmica travada aqui no inimigo não é mera coincidência.

Diga-se de passagem que Pulgerver e vários outros sindicalistas foram expul-

sos da CNT alguns meses antes do Congresso. Poderíamos citar também o caso do grupo libertário basco Askatasuna, expulso recentemente da CNT só porque ousou achar que o nacionalismo basco era potencialmente popular e revolucionário. (Para maiores informações sobre este caso e sobre a crise da CNT, consultar o excelente artigo de Riano Vargas e Moreno Ruiz: "El reino Inmóvil de la Ideología o la Impotencia de la CNT"; El Viejo Topo n.º 38). Como podemos perceber, a prática de expurgo não é privilégio dos estalinistas.

Mas será a frase de Gomes Casas, na qual se afirma que os únicos donos do movimento libertário são os anarquistas e a CNT, que nos fornecerá pistas para entendermos as causas da crise da CNT e do anarquismo. É exatamente nesta pretensão — tão comum nos marxistas — em ser os donos da verdade revolucionária e na conseqüente incapacidade em aceitar as novas correntes libertárias não anarquistas (como por ex., os autonomistas, os conselhistas, os situacionistas, os marxistas libertários, etc), é que encontraremos a raiz da crise do anarquismo. Esta postura que valoriza a Doutrina, a Ideologia em detrimento das práticas libertárias faz com que exista um "anarquismo autoritário", conforme expressão do velho anarquista Octavio Alberola: "No momento em que a dissidência... e converte no fenômeno político (e revolucionário) mais geral e característico de nosso tempo, provocando no seio mesmo dos movimentos marxistas uma crise sem precedentes, o aberrante Anarquismo autoritário se encerra cada vez mais em seus velhos e anquilosados "redutos orgânicos" e não encontra outro inimigo a dar batalha que o "inimigo interno": todo aquele que não se resigna ao enterro do anarquismo por aquele que, ao convertê-lo em Doutrina e ao reduzi-lo a algumas siglas e a uma bandeira, o mataram. Como as demais ideologias, o anarquismo tornado ideologia aspira ao absoluto e a ser verdade universal, contradizendo sua origem e sua razão, de ser: pensamento e práxis de resistência ao autoritarismo dos outros e do nosso próprio, meio para a anarquia (relações humanas sem autoridade) e não fim em si mesmo: porque senão se converte em via única, em dogma, em autoridade. Ainda que pareça truismo, temos que reconhecer que o principal inimigo da liberdade não é o autoritarismo dos outros, senão nosso próprio e inconformado autoritarismo. Sobre tudo quando um se acredita o depositário, o guardião e o representante mais qualificado da ortodoxia." (El Viejo Topo n.º 34).

Para financiar, gostaríamos de deixar claro que, apesar de nossa crítica, não nutrimos uma hostilidade fundamental em relação à CNT, pelo contrário, acreditamos que na medida em que esta organização conseguir superar o dogmatismo, sectarismo e autoritarismo que o caracteriza atualmente, ela, juntamente com outros movimentos libertários — como a Autonomia Operária, por ex. — poderá ser peça importante no processo de auto-emancipação do proletariado espanhol e mundial.

NELSON TANGERINI

MANIA DE FUTURO
(SÃO PAULO MEU GRANDE AMOR)

SÃO PAULO
SÃO PAULO CAMINHA
SÃO PAULO CAMINHA PRA FRENTE
MANIA DE FUTURO
SÃO PAULO
SÃO PAULO NÃO OLHA
SÃO PAULO NÃO OLHA PRA TRAZ
ADEUS PASSADO!
ADEUS GENTE LINDA!
ADEUS RAÍZES

Obs.

POEMA ESCRITO NA RUA AUGUSTA, EM DEZEMBRO DE 1979.
AO MEU LADO ESTAVA MEU GRANDE AMIGO ARGUS MÁRIO PAHOLSKY.

SACRAMENTO
A Salvador Dalí

PARECE ESTAR TUDO LIGADO,
O CÉU À TERRA,
A TERRA AO MAR,
O CÉU À SERRA,
O CÉU AO MAR,
O CÉU À CIDADE EDIFICADA.
NÃO SEI PORQUE
NÃO SEI DE NADA.

ECOLOGIA

NO QUINTAL
UM GRITO DE ECOLOGIA,
FOMOS TAXADOS
DE ESQUERDISTAS.

TENÓRIO JR.

MÚSICO BRASILEIRO, SUMIDO HÁ 4 ANOS NA ARGENTINA.

constituem presença marcante nos grandes centros.

O aborto produz atualmente, grande polémica em todos os níveis da população. Assim como existem muitas pessoas sem uma opinião realmente formada a respeito do assunto, existem dois grupos de opiniões radicalmente opostas; como os religiosos e os leigos cristãos que se posicionam totalmente contra por questão de princípios, e as feministas e intelectuais em geral que mostram-se a favor alegando os problemas sócio-econômicos da população brasileira.

Analisando os aspectos negativos da prática do aborto, declara o ex-padre (hoje casado) e vice-diretor do Colégio 2 de Julho, Salvador-Ba, Silvino Bellingheri, "é destruir uma vida, é um crime como outro qualquer, pois o feto sente e percebe as coisas, por isso não pode ser destruído, ele tem uma individualidade e é um ser independente da mãe pois seu sangue não é o mesmo". E ao ser questionado se a legalização do aborto se trata de uma evolução para a sociedade brasileira, respondeu deixando uma pergunta no ar: "isto seria uma evolução ou um retrocesso?", e continuou, "Independente da minha doutrina religiosa, sou totalmente contra. Toda mulher que pratica o aborto fica com sentimento de culpa, que é uma vingança da natureza".

A análise do ex-padre Silvino Bellingheri tende para o lado humano do problema. Mas as implicações político-sociais e econômicas, como bem colocou o reverendo Celso Dourado, pastor da Igreja Presbiteriana, diretor do Colégio 2 de Julho e filiado ao novo PTB-Ba, não devem ser esquecidas. Segundo ele, este é um problema típico do

subdesenvolvimento, em que o governo está interessado em desviar a atenção do povo de problemas mais sérios. Existe também um grande sensacionalismo por parte da TV, imprensa etc. Percebe-se então que o aborto é um problema de segundo plano em relação a tantos outros no cenário nacional, e está sendo utilizado como instrumento de manchetes, e por todo o enfoque dado à questão, se "esquecendo" de problemas que lhes tocam de maneira vital, como a crescente inflação, aumentando cada vez mais o custo de vida.

Aliás, este artifício corrupto e desrespeitoso do governo, vem sendo usado com bastante frequência, já que temos o exemplo claro do que são as "copas do mundo" e da maneira como foi enfatizado o divórcio (claramente um privilégio da elite) e todos os outros meios de alienação aceitos ingenuamente pelo povo.

"A miséria, pouca importância dada à educação, a falta de orientação sobre os métodos anticoncepcionais e a violência da sociedade, acarretam a gravidez não planejada que leva à prática do aborto. Não é o Estado nem a Igreja que irão determinar se deve ou não praticar o aborto. É uma questão existencial. As questões de vida não são legais ou ilegais, são existenciais" completou o reverendo Celso Dourado.

O deputado paraense J. Menezes, lançou sua emenda de legalização do aborto, alegando que este sendo praticado na clandestinidade traz sérios riscos à saúde da mulher pois são feitos em condições primitivas e grosseiras. Mas, estando o aborto legalizado, mudariam as condições técnicas como higiênicas, no que tange às mulheres das

classes proletárias e subproletárias??? Não seria de maior valor, uma ampla conscientização da população por parte do governo sobre os métodos anticoncepcionais?

A feminista Branca Moreira Alves, em entrevista à revista Veja, nº 598, declarou: "A gente não está lutando pela legalização do aborto pura e simplesmente, mas para que ele seja feito pela rede hospitalar do Estado..."

Mas, na condição de país subdesenvolvido, onde ocorre o absurdo de morrerem pessoas nas filas do INAMPS, não seria utópico se pensar em uma rede hospitalar do Estado para a prática do aborto? O máximo que poderia acontecer, seria a criação de clínicas particulares para o atendimento das senhoras da "society", continuando as mulheres das classes menos favorecidas a praticarem o aborto sem as condições básicas de higiene.

Em entrevista, Lia Robatto, coreógrafa, declarou-nos: "Eu acho que tem é que se lutar. O importante é a prioridade do indivíduo e não podemos menosprezar a parte ginecológica do mesmo, pois é uma parte do corpo como outra qualquer e pode muito bem ser atendida por uma rede hospitalar". afirmou ainda que "em relação ao controle da natalidade o aborto é o último recurso; o que precisa haver é uma educação para o controle".

Questionar sim, questionar o mais possível, pois o problema aí está, afetando grande parte das mulheres de hoje, pois como aconteceu com o divórcio, e aborto tendo uma legalização a moldes elitistas, passará a ser mais um privilégio da grande "nata society".

Ivone Sombra, Denise Saralva e Ana Lúcia Andrade



O QUE O ABORTO TEM A VER COM OS TRABALHADORES?

Este ano mais uma campanha irá mobilizar a esquerda organizada: a Campanha pela Legalização do Aborto, assim como se fizeram a campanha pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita (nesta aí sobrou adjetivos...), pela Liberdade e Expressão e outras.

Antes de falarmos sobre a legitimidade moral e social do direito do Aborto, o qual concordamos em princípio, deve-se sobre algumas questões e sobre a maneira que até agora se encaminha esta campanha pública:

1º) A pequena-burguesia e, principalmente, a burguesia, sempre fizeram abortos "ilegais" com as melhores condições médicas, proporcionais às condições econômicas ligadas à hierarquização dentro do "status quo" de cada grupo burguês (um aborto realizado por médicos varia de Cr\$ 3.000,00 a Cr\$ 4.000,00 que vai do consultório de periferia até clínicas especializadas). Ao contrário, as classes trabalhadoras sempre que recorreram ao aborto se serviram dos conhecidos "aborteiros", que vão desde técnicas caseiras (sabe-se que até cabides de roupa são utilizados), até consultórios de veterinários gananciosos e parteiros.

Quero dizer com isto que o alcance de uma reivindicação como esta, tem uma óbvia barreira social numa sociedade de classes — p.ex. O rico faz tratamento de canal, o pobre arranca o dente —, é claro que a coisa não é tão simplória assim, mas vai por aí.

Conclui-se que essa campanha tem como objetivo sensibilizar a pequena burguesia e mobilizá-la, dentro da estratégia que ela é uma forma fundamental e até imprescindível —, para qualquer transformação social seja revolucionária, ou preferencialmente reformista.

2º) Como solução é uma das reivindicações prioritárias tem-se o quê? Que o Estado assumira o aborto. O que na prática será feito através de um dos seus aparelhos mais sanguinários: o INPS (hoje INAMPS), notório o vampiro dos trabalhadores, e meio de arrecadação de recursos monstruosos (por cada trabalhador, com cart. prof. assinada, o

INAMPS recebe 23,9% do seu salário, ou seja, de uma empresa com uma folha de pagamentos de Cr\$ 100.000,00 o Estado fica com quase Cr\$ 24.500,00 o que a nível nacional representa uma cifra astronômica) que são aplicados no mercado financeiro, controlado pela alta burguesia, bancos internacionais e multinacionais, revertendo muito pouco a real previdência.

O INAMPS vai fazer abortos tão bem quanto arranca dentes de seus segurados — os trabalhadores. Certamente muitos hospitais e clínicas enriquecerão a custa do sangue dos trabalhadores e da corrupção, que tem seus tentáculos presentes em toda a estrutura de serviços públicos e privados. A máquina estatal a pretexto de servir a sociedade, a domina. E um dos meios de dominação mais eficientes, tanto quanto parasitário, é a burocracia, que mesmo corrupta não recebe as sanções legais, pois quem tem o poder para fazer isto é o Estado, que é o menos interessado em qualquer punição (quando acontecem são simbólicas e atingem apenas os "peixes-miúdos" —, a pequena — corrupção, pois não passam de rivais indesejáveis), pois isto seria minar sua própria base de sustentação.

O aborto feito pela previdência estatal será burocratizado, além da discriminação social, inevitável, por parte dos "barões da medicina social" — as famosas juntas médicas de pericia — isto sem falar dos "quebra-galhos" em troca de uma gorjeta: afinal são todos uns vagabundos que querem arranjar desculpa para mater o trabalho!

De outro lado as clínicas burguesas prosperarão, agora à luz do dia.

3º) Não somos contra a regulamentação do aborto, hoje considerado crime, mas acreditamos que aquela filosofia "melhor isto que nada" é algo muito enganoso: um pouco mais que nada é um preço muito baixo pela luta que precisa ser feita.

Existe um ditado espanhol que diz: "lei feita, trampa pronta", isto é, o controle legal de responsabilidades sociais (saúde, lazer,

educação) é legitimar a dominação da sociedade civil pelo Estado.

A legalização do aborto como fruto da pressão social, e não como uma concessão do poder, é importante, mas não pode ser desvinculada de todas as limitações expostas.

Dentro de uma perspectiva de que para quem é explorado muito mais importante que qualquer vitória é a própria luta, deve-se pensar em que medida a luta pelo livre aborto é pólo para uma organização e educação revolucionária.

4º) Como ainda nos encontramos na organização da campanha nacional, é prematuro para avallarmos o grau de receptividade dos trabalhadores e da opinião pública em geral.

Entretanto desde já evidencia-se uma tática que se não sofrer uma despreocupada autocritica, no processo de mobilização, pode cair nos interesses de controle da tensão social, por parte do governo da "abertura" (uma das experiências é o planejamento familiar e a esterilização de mulheres no Nordeste, pela FUNABEM; acaba-se com a miséria exterminando o miserável).

Dentro da linha estratégica da luta pela liberdade do indivíduo (ser social) violentada e destruída pela alienação da sociedade capitalista; pelo parasitismo estatal através

de seus meios de dominação; burocracia, Exército, Parlamento; e pela formação do Estado Democrático Policial, como objetivo das metrópolis na redefinição dos seus laços de dominação com suas respectivas colônias; as lutas de resistência são importantíssimas, todavia estão limitadas por vários motivos: o pequeno número de militantes diante da grande população a ser sensibilizada, o sectarismo da esquerda tupiniquim, a falta de recursos, experiência e maturidade da grande maioria dos grupos, isto sem falar nos interesses partidários e eleitorais daqueles que se "dispõem" a libertação dos trabalhadores.

Isto tudo faz com que se necessite determinar táticas de propaganda, mobilização, organização e intervenção. Dada a impossibilidade de uma luta global, a solução para isto é que as lutas são setorializadas, divididas em etapas e compartimentos tão limitados que, não raro, esquecem-se dos próprios objetivos estratégicos, além de facilitar o trabalho da repressão, quando não absorção pelo sistema (p.ex. o governo do Jôquei Figueiredo ganhou muitos votos com a Anistia "ampla, geral e irrestrita", a quase totalidade dos presos políticos foram soltos e não me parece que o Brasil tenha ficado mais próximo do socialismo por isto). No caso da campanha do aborto o objetivo estratégico

A ACRACIA E A SEXUALIDADE JUDAICO-CRISTÃ

A tentativa feminista de organização ao redor de reivindicações, tais como aborto, igualdade de remuneração e de oportunidades, cheques, etc., deve ser considerada certamente válida, mas formalista, limitada e limitante enquanto aceita implicitamente uma estrutura, fundamentalmente de dominação, no esforço de gozar de alguns de seus benefícios. Em outras palavras, a mulher que pede igualdade está pedindo para participar do poder.

O que deve ser perseguido não é uma participação mais ampla dentro da estrutura de mando mas a abolição desta mesma estrutura. E consenso que a relação de dominação orienta-se na dialética de exploração que existe dentro as classes detentoras e produtoras de capital.

Os processos de afirmação e de manutenção de costumes são considerados, portanto, conseqüências da relação originária de exploração. Quero afirmar que: se em termos históricos isto pode ser considerado modelo sólido de explicitação do gênese da construção, em termos de manutenção e aprofundamento desta mesma contradição, as variáveis culturais transformam-se de efeitos em causas.

Julgo que um processo revolucionário não pode prescindir duma intervenção nesta área. Exatamente aqui eu situaria um dos

mais significativos papéis da mulher, enquanto mulher empenhada. A família, a repressão sexual fora do casamento, o condicionamento sentimental das relações sexuais são alguns dos instrumentos de dominação cultural que normalmente devastam o referencial feminino.

O desenvolvimento do sentimento de culpa e a promoção de condutas de cortejo retiram, disfarçadamente, a legitimidade espontânea e liberadora do orgasmo. Cabe à mulher rejeitar individualmente e de forma organizada qualquer diminuição ou limitação ao exercício pleno da sua sexualidade, desmascarando a hipocrisia de uma repressão cuja finalidade última é a manutenção da instituição familiar como núcleo de reprodução das relações hierárquicas de mando e obediência, da individualização da propriedade privada, da perpetuação dos padrões morais de controle.

A dessacralização do universo romântico judaico-cristão ligado ao sexo parece-me, principalmente, ser função feminina, por ser a mulher a mais comum vítima-carrasco deste sofisticado instrumento de controle. Estes movimentos de libertação terão necessariamente uma trajetória que incluindo no indivíduo encontra seu acabamento no grupo.

LEONCIO

NO DIA DAS MÃES O ABORTO CHEGA ÀS RUAS

No sindicato da Indústria do vestuário, em Porto Alegre, reuniram-se nos dias 7, 8 e 9 de março, mulheres de diversas classes para comemorar o Dia Internacional da Mulher (8 de março) e debater sobre a participação política da mulher, com o apoio de dois grupos feministas: Ação Mulher e Movimento da Mulher pela Libertação e não excluir a participação dos homens.

A data escolhida pela ONU para o Dia Internacional da Mulher marca o massacre de 127 mulheres texãs que faziam a 1ª greve feminina e 8 de março de 1857. A luta feminista cresceu a partir de 1980, desenvolvendo duas correntes básicas: uma, colocava os homens como opressores e as mulheres como oprimidas; a outra, considerando as mulheres como ponto crucial da luta contra o capitalismo, denunciando a dupla moral sexual, o sexo para a reprodução, a falta de infra-estrutura para o trabalho e uma política de segregação sexual, colocando a mulher em situação de inferioridade.

Apenas em 1977 surgiu o 1º grupo em Porto Alegre e, somente no ano passado, formaram-se os dois grupos citados acima. Estes grupos se colocam como não radicais, cidade democrática, onde todos tenham direito à uma vida digna e à liberdade.

Durante os debates, declarações de operárias, sociólogas, sindicalistas e outras, concordaram em afirmar a necessidade da participação da mulher na política, libertando-se daquelas preconceitos de que a política é coisa de homem, e da premissa da discriminação social, política e ideológica que sofrem as mulheres.

No dia 9 de março foi debatida a questão do aborto, tendo sido aprovada a realização de uma mobilização nacional em favor da regulamentação do aborto, no dia 27 de abril, e uma manifestação no Parque da Redenção no dia das mães, para esclarecer as posições feministas gaúchas.

A questão do aborto ocupou os debates daquela noite. Discorrendo sobre a falibilidade dos contraceptivos, o aborto foi encarado como último recurso. O Brasil é um país com 3 milhões de abortos por ano, sua existência e legalização na prática e os 300 mil casos de morte por aborto caseiro, feitos por quem não tem condições de procurar um médico, feitos possibilidade de outra escolha, coloca a necessidade de sua regulamentação pelo Estado e pela previdência social. Quando a sociedade de que a discussão sobre o aborto foi imposta a não discutiram o problema com profundidade, foi para dividir interesses, dividir as mulheres, dividir a igreja, por existirem posições contrárias sobre o assunto. Além de desmoralizar os blocos de oposição do país, assim como as suas posições sobre o assunto, como ocorreu com o divórcio, em 1978, logo após as eleições.

A luta pela legalização do aborto coloca ainda a questão do direito à liberdade para que as mulheres possam optar pelo aborto tendo ainda à sua disposição assistência médica gratuita do Estado.

Creches: milhões de mulheres não têm condições de trabalhar em função da impossibilidade de deixar seus filhos sem a sua tutela, canalizando seus recursos para obras que atendam aos interesses mais elementares da grande maioria da população e que signifiquem uma melhoria no nível de vida dos trabalhadores.

Entretanto, um dos assuntos programados não foi discutido por ter sido dada outra prioridade ao debate. Esta foi a questão de sexualidade.

SILVIA TEIXEIRA

MIGUEL FERREIRO

ENTREVISTA COM ZAIDHÉE MACHADO NETO

Advogada, Socióloga, Prof.^a da UFBA, fazendo doutorado em São Paulo, trabalhando com problemas femininos e da sexualidade, esta é Zaidhée Machado Neto, em entrevista exclusiva para "O Inimigo do Rei."

Pergunta — Sua opinião a respeito da problemática do aborto surgida só agora...

Resposta — A favor. É, às vezes, a única solução, uma última instância para uma gravidez não desejada.

É preciso que fique claro, que ninguém tem o direito de decidir se deve ou não ter um filho, senão a própria mulher.

Pergunta — Não seria essa problemática do aborto, um problema de segundo plano em relação a tantos outros no agora do país?

Resposta — É um problema político, porque se foge a tudo menos à filosofia, e eu estendo mais, à política. Considerar um problema como esse de menor importância é tentar ignorar alguma coisa que aflige boa parte da população deste país, isto é, as mulheres que, por vários motivos, não tiveram condição de evitar uma gravidez que lhes chegou sem que tivessem decidido convenientemente, seja do ponto de vista material, seja do psicológico, ter um filho.

Essa questão está vinculada a uma questão mais ampla que é exatamente uma política de natalidade, democrática e coerente, que partisse, de fato, da opinião do povo, cabendo ao Estado dar condições materiais para que essa política, decidida pelo povo, fosse de fato realizada.

Pergunta — O que você acha da afirmação de que o aborto está sendo tratado com muito sensacionalismo, talvez até, com o objetivo de se desviar a atenção da população dos problemas mais sérios, como a crescente inflação e a venda da já quase EX Amazônia, etc.?

Resposta — Tudo isto está ligado. Separar esses problemas, a meu ver, é insensatez, e dizer que ele sobressai como sensacionalismo ditado certamente por um "Poder Invisível", eu acho que é um pouquinho de paranóia.

A questão do aborto está vinculada às questões mais amplas da própria população brasileira e é tão importante quanto à preservação da Amazônia, por exemplo, e por que não? E quanto à inflação, também. Veja que a questão da inflação é alguma coisa que está na ordem do dia e agride o povo, como também agride o ter que abortar sem condições decentes. Eu chegaria a pensar, apenas para exercitar a dialética: Não será que pensar desse modo, ou seja, que o sensacionalismo quanto ao aborto e que ele é um problema de menor importância, é uma atitude discriminatória machista?

Pergunta — Você vê o aborto unicamente como um meio de se controlar a natalidade? Não seria mais válida uma ampla conscientização da população por parte do governo sobre os métodos anticoncepcionais?

Resposta — Como meio de controlar a natalidade não.

Conscientizar é um processo muito longo e penoso, porque resta saber que idéias vinculam essa conscientização. Eu vejo o aborto como uma solução muito especial, como alguma coisa que sei, tomada, nas suas várias proporções. Pedir a legalização do aborto é tirar uma solução, como eu disse, que é um último recurso da situação de clandestinidade e exploração em que se encontra. A questão da legalização do aborto no Brasil, é uma questão de urgência e o es-

tatuto legal que venha tratar de uma maneira lúcida e decente, repito a palavra, tem que levar em conta as condições especiais em que ele deva ser tratado.

Pergunta — Estando o aborto legalizado, mudariam as condições tanto higiênicas quanto técnicas da prática do aborto no que tange às classes subalternas, que hoje fazem o aborto em condições primitivas e grosseiras?

Resposta — Os movimentos feministas que estão propondo a legalização do aborto, fazem-no chamando o Estado à responsabilidade de proporcionar meios convenientes e adequados. Se se dispõe das vias democráticas em que o povo de fato possa, de algum modo, fiscalizar, exigir e controlar os órgãos públicos de saúde, não só o aborto, mas os aparelhos de saúde comunitária terão de fato que prestar a assistência necessária. Afinal, os fundos que movimentam esses órgãos saem da bolsa do povo através dos impostos que incidem, principalmente, sobre os salários dos trabalhadores.

Pergunta — Na condição de país subdesenvolvido, onde ocorre o absurdo de se morrer nas filas do INAMPS, não seria utópico se pensar em uma rede hospitalar do Estado para a prática do aborto? Isso não se tornaria somente mais um privilégio da elite?

Resposta — Explorando um pouco mais a resposta que dei anteriormente, o que eu acho é que em condições de fato democráticas antes de tudo quem teria que desaparecer eram as filas do INAMPS, ou, quem sabe, o próprio INAMPS... Talvez fosse preciso destruir e até salgar os seus restos. É preciso acreditar e lutar por uma mudança radical de todo o sistema reinante! É preciso lutar para que a utopia venha a ser encarnada. Cruzar os braços e esperar por uma mudança que cala do céu. Ou que seja uma benesse do rei, é fugir.

Pergunta — A corrente das feministas, hoje, no país, considera o feto como uma parte do corpo da mulher e que esta pode dispor desse feto como bem entender. Não seria esse pensamento um tanto egoísta?

Resposta — O problema do aborto tem inúmeros vetores e eu diria que há, sem dúvida, uma questão ética na sua base e haveria muito que se discutir. De fato, o feminismo defende o ponto de vista de que o feto é uma parte do corpo da mulher e que só ela decide e dispõe sobre ele. E mais ainda, o ter e o criar um filho, na nossa circunstância social, tem sido sempre uma tarefa exclusiva da mulher. Eu não vejo nesse posicionamento nenhuma atitude egoísta.

Do meu ponto de vista, eu tenho dúvidas. Acho que o aborto, se decidido pela mulher, deve ser feito nos 3 primeiros meses de gravidez, porquanto sabemos que mais adiante o aborto traz perigo de vida para ela.

Por outro lado, minha consciência ética fica perturbada quando um aborto é praticado numa etapa da gravidez em que o feto, de fato, possa sobreviver.

Pergunta — O que o movimento faz de concreto hoje no país? Você participa de algum movimento feminista?

Resposta — Os movimentos feministas mais atuantes, hoje no Brasil, são, sem dúvida, por motivos óbvios, os do RJ e SP.

Pensando neles, em termos médios, eu diria que desenvolvem em um só tempo, um trabalho de conscientização e reflexão com as mulheres que pertencem a esses grupos

feministas e, por outro lado, desenvolvem um trabalho de ação, denunciando todo tipo de discriminação e de violência contra a mulher e bem assim, um trabalho de integração com mulheres de todas as classes e profissões num sentido de lutar, principalmente, por apoio comunitário que possa aliviar a sobrecarga do trabalho doméstico, isto é, creches, escolas maternas, assistências materno-infantil, etc.

Pergunta — Uma mulher proletária só tem tabela e a pílula ao seu dispor. Como você vê isso e como você analisa a posição do governo; de descaso em relação a novas pesquisas?

Resposta — Regra geral: os grupos feministas organizados são constituídos de mulheres profissionalizadas, intelectuais e estudantes. Ocorre que não se pode jamais esquecer que a mulher proletária, espontaneamente, vem encontrando seus canais de protesto e de reivindicação, que embora modestos e desconhecidos de muita gente, constituem uma prova da sua sensibilidade e do seu vigor na busca de soluções para os seus problemas. Eles são talvez poucos, tudo está começando entre nós, mas eles existem. A grande coisa seria poder aliar toda essa força. Há o grande perigo de as mulheres dos grupos feministas, geralmente, mulheres de classe média, tentarem, até mesmo sem que isso seja uma atitude consciente, controlar e dar diretrizes ou o que é pior, desenvolver em relação às mulheres proletárias, uma atitude paternalista, ou para ser bem mais exata, maternalista e existencialista, mas eu sinto e vejo que os grupos feministas no Brasil estão muito atentos para isto e que, possivelmente, este perigo está afastado na medida em que ele está presente.

Os movimentos feministas na Bahia está começando agora, e estou muito feliz.

Há um grupo chamado Brasil Mulher que me parece ser muito promissor. Ele conta comigo e tem contado, agora é a nível de participação. Eu estou ligada ao Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro e participo dos eventos do centro, do Brasil Mulher.

Pergunta — Você tem uma ideologia política definida?

Resposta — Eu tenho uma posição política muito definida: sempre fui socialista. Nunca me engajei em nenhuma linha partidária, porque na verdade elas não atendiam às minhas expectativas. Hoje eu acho a socialização dos meios de produção é um fim para o qual temos que utilizar muitos meios.

O velho lema socialista — "de cada um, segundo suas capacidades; a cada um, segundo suas necessidades", é para mim um fim ao qual dediquei, através de vários meios, boa parte de minha vida. Mas eu não posso acreditar num socialismo verdadeiro com o sacrifício da liberdade, desse modo a democracia tem que ser não apenas uma palavra bonita que a gente pronuncia irresponsavelmente. Há quem diga que ela, de verdade, nunca foi realizada na face da terra e que é mais uma entre as muitas utopias. Essa utopia tem que ser realizada, eu acredito nisso. Não sei se estou sendo uma otimista irrecuperável, mas acho que já dei uma parcela bem grande de minha vida por tudo isso. Eu luto e espero ver realizada a única sociedade em que a felicidade (essa palavra que, hoje, tanta gente tem vergonha de dizer), me parece possível uma sociedade socialista SEM CLASSES, SEM DISCRIMINAÇÃO, uma sociedade de homens e mulheres "DIFERENTES MAS NÃO DESIGUAIS", uma sociedade democrática em que NÃO SE SACRIFIQUE A LIBERDADE EM NOME SEJA LÁ DO QUE FOR.

CARTAS

NICOLAU — O professor Ricardo Liper, autor do artigo **Brasil: de Carmem Miranda e Figueiredo**, tem razão quando afirma que a "abertura", mais do que uma conquista das classes populares, é consequência das divergências entre os vários setores de burguesia. Entretanto, eu gostaria de colocar algumas discordâncias em relação ao resto da matéria:

1 — "... a participação das massas no processo evolutivo da política nacional é interessante porque elas através de greves economicistas, vão conquistando um equilíbrio de salário que amortece maiores confrontações sociais". Primeiro, Professor, uma pergunta: você ainda acredita que quanto pior, melhor? Em segundo lugar, uma constatação: em sua análise apressada, não percebeu que o governo e aos patrões não interessam as greves, economicistas ou não. A primeira providência do Poder foi decretar os reajustes semestrais de salário. Com isso quer (e está conseguindo) esvaziar o movimento de massa. E para aqueles que renitentes, insistem em protestar, apesar dos reajustes? Para eles, porra! Não foi assim em Belo Horizonte? Ou em Curitiba?

LÍPER — 1 — Surpreso com sua carta, resolvi, depois de alguma hesitação, respondê-la. Como se trata de uma interpretação falaciosa de fatos de nossa história recente a do pensamento social que a acompanha achei por bem esclarecer os leitores a respeito.

A outra razão é que o nosso jornal publica tudo integralmente inclusive uma carta que é um artigo de nove laudas por si só, impubescível em qualquer jornal em sua totalidade por motivos técnicos. Mas no nosso caso não somos qualquer jornal. Somos um jornal autogestionário e respeitamos a liberdade de opinião daqueles que trabalham pelo jornal, coisa que, diga-se de passagem, se o sr. faz, o faz muito pouco... Mas a nossa noção de liberdade de expressão é tão profunda que abrimos espaços até para pessoas como você, que a serviço de pontos de vista autoritários, sem colaborar de fato com este jornal, se acha no direito de ocupar nove laudas para dizer coisas habilmente compostas, mas erradas sobre a crítica que fiz no artigo citado à atuação e ao pensamento da esquerda autoritária hoje.

Ao que se sabe o seu grupo de trabalho pelo jornal vende 100 jornais que ficam com o Cláudio Miranda e 30 com Nelson Tangerini. Não consta seu nome na lista de venda. Portanto, mande mais artigos de nove laudas, agora retenha 400 exemplares ou mais aí no Rio e os venda braçalmente senão fica parecendo que você não passa de um intelectualzinho de Ipanema ou coisa do gênero que na hora de trabalhar BOTA OS OUTROS e fica de papo pro ar teorizando. O mais repulso em sua carta não são as ingenuidades e confusões que ela tem, mas sua praxis. Mas, vamos a ela:

Sua ingenuidade é muito grande aqui. Você acredita ainda que a economia capitalista nesse estágio de desenvolvimento não computa em seu planejamento as greves. Claro que sim. Não significa que o capitalista quer greves, mas que ele as prevê e as absorve canalizando-as para o fortalecimento do capitalismo. Como você próprio disse, o próprio Poder fez os reajustes salariais para absorver as greves. Deu os aumentos de maneira ordenada. É isso que interessa e pronto. As greves, embora não desejadas pelas classes dominantes, são aproveitadas por elas para amortecer os choques de classe e encaminhar o capitalismo para a social-democracia, superestrutura vigilante com sucesso na Europa atual. Não significa que acho que quanto pior melhor. Mas o problema crucial do operário brasileiro é tomar consciência de classe — coisa cada vez mais difícil com pelegos e marxistas autoritários dispostos a constituir-se em vanguardas manobreadas — porque enquanto as greves visarem o aumento de salário de um lado e o fortalecimento de pseudolideranças, ditas revolucionárias, de outro, o que ocorre de fato é que o proletariado vai se aburguesando, e votarão em partidos social-democratas para mantê-lo sempre ascendente em termos de salários.

Você foi de uma ingenuidade de ginasiano dos anos 60. Acredita que foi greve, é bom. Que simplismo. Há momentos, meu caro, que o mais importante é a consciência de classe e não um festival de greves para aumentar o salário de um proletariado ainda adormecido por 16 anos de ditadura e com uma mentalidade, no máximo, social-democrática.

Aparentemente quem saiu protestando, sem o apoio das massas, pelo visto acima, errou ao analisar a realidade nacional. É vanguarda burra. Provocou com sua burrice que a direita corrigisse o potencial revolucionário das greves com os aumentos de salários.

Levaram o operariado aos braços de Figueiredo. Em verdade "as lideranças" pensam que se consolidando como vanguarda do operariado brasileiro e fortificando as entidades podem fazer a revolução socialista com uma palavra de ordem. É o modelo revolucionário autoritário dessa gente. Só que é muito raro funcionar e no nosso caso dá essas zabras que estamos assistindo. Tá vendo aí como quando os intelectuais de vanguarda se metem a analisar a realidade são incompetentes e, portanto, usados tranquilamente pelo Poder. Você ajuda o Poder a se realmentar e se corrigir desviando-se assim para o modelo da social-democracia, superestrutura de um capitalismo mais inchado.

NICOLAU — 2 — Continuemos, professor. Segundo sua análise, "Somoza não teve tempo para perceber isso ou foi muito tolo para não querer entender. Foi despedido pela CIA que, carrancuda com o ditadorzinho, não lhe deu importância, preferindo negociar a situação do Caribe com os filhos de Sandino e com o barbudo Fidel para que todos que estão no Poder ganhem." Por favor, Professor Ricardo Liper, não seja tendencioso, assim ninguém o levará a sério, ou pior, aos libertários. Vamos com calma... Os Estados Unidos tentaram, por todos os meios, manter Somoza no poder. Perceberam que isso não era possível e tiraram o seu da reta. Mas daí a afirmar que fizeram acordos com Fidel e a FSLN, há uma grande diferença.

LÍPER — 2 — Novamente sua ingenuidade de ginasiano me espanta.

Você não quer perceber que existe lógica nos estados atuais que permite o diálogo entre eles. Os Estados Unidos demitem certos ditadores quando eles se tornam entrave à administração da colônia. Já apanharam muito com administradores incompetentes de suas colônias, vide o Vietnã.

Nós estamos vivendo numa época que todos que estão no poder negociam. O resto é acreditar nos discursos oficiais e propaganda oficial julgando a história por aí. Claro que por detrás disso tem os acordos, as negociações. O que interessa aos Estados Unidos são modelos sociais democráticos porque o seu estágio de imperialismo se ajusta a esse modelo já implantado com pleno êxito na Europa. Por outro lado, Cuba, sendo uma colônia da Rússia, custosa, vivendo ainda da monocultura do açúcar, sendo portanto, atrasada e subdesenvolvida, custando à metrópole uma fortuna e não servindo para nada, tem de procurar um equilíbrio político que lhe permita salvar, em parte, a contabilidade da metrópole russa. A Rússia fez dos cubanos, bucha de canhão na África recentemente arranjando uma função para eles, mas é de interesse de ambos que a ilha se relacione na própria América com outros povos "democráticos".

Não havia condições de se estabelecer na Nicarágua o socialismo. Foi a burguesia esclarecida e Igreja (Violenta Chamorro e Cardenal, p.e.) que tomaram o poder. Claro que todos negociaram. Todos ganharam, principalmente as forças da reação. Você precisa perceber que o imperialismo americano tem estratégias e aprendeu a negociar e a Rússia, para não falar da China, negocia até a múmia de Lenin se isso interessar à burocracia soviética. E tem mais, sempre negociou muito: lembre-se da Grécia após a II Grande Guerra. Fidel não passa de um empregado do Kremlin. Está topando qualquer jogada. Você nega que os EUA abandonaram Somoza. É desconhecedor os fatos. E os cubanos por que não foram lutar na Nicarágua? Bastaria dinheiro e armas e aquela república de bananas coraria até Somoza rei. Só não seria interessante para ninguém. Os Estados Unidos teriam condições de fuzilar metade da população da Nicarágua com o apoio de todas as classes médias e altas do mundo e da América Latina e mais, com o apoio do seu operariado que é social-democrata. Quem chitaria? Nós. E daí? Cacete na gente. Ah! a Rússia. Mas a Rússia utilizando gases no seu rabo afgano teria alguma moral para reclamar? A pior coisa é um socialismo de direita como o russo, dando à reação burguesa americana uma força superior a mil bombas atômicas. E por que não fizeram? Porque não interessava. Poderiam negociar como o novo poder da Nicarágua — setores esclarecidos da burguesia e o setor progressista da Igreja — ótimos locais do imperialismo americano nesse final de século — sair ganhando e fazer o povo crer que tudo mudou... CARTER FEZ MAIS UM PONTO NA SUA CARREIRA POLÍTICA PARA A REELEIÇÃO.

NICOLAU — 3 — Você acusa a chamada vanguarda de ser composta por intelectuais pequenos burgueses, com suas habituais contradições. Pois bem, professor, posso lhe adiantar que não sou operário. E, acredito, o senhor também não. Como não é o com-

panheiro Cláudio, com quem tenho maior contato (ele é colaborador do jornal) e, provavelmente, não é a maioria esmagadora dos que atuam junto ao "Inimigo do Rei". Há anos que stalinistas, trotsquistas, maoístas, anarquistas, etc, etc, vêm se chamando de pequenos burgueses. E você continua botando lenha na fogueira... Que tal os libertários darem o exemplo, deixando de lado essa papagalada, e passarem a se utilizar de argumentos mais sólidos em suas críticas?

LÍPER — 3 — Aqui você revela uma ignorância profunda do que é socialismo e principalmente socialismo libertário. O pior, cita pessoas comprometendo-as com pontos de vista ideológicos como se vivêssemos na Suécia ou Suíça. De propósito Nicolau? Você nessa carta descaracteriza esse jornal denunciando pessoas e as comprometendo com coisas que não sei se elas estariam dispostas a se comprometerem publicamente. Eu chamo isso de entregação. Qual é a sua Nicolau? Será esse mesmo o seu nome...

Serei didático: Existem dois socialismos. Um marxista que é todo ele pequeno-burguês não importante qual a sua facção e o anarquista que é proletário.

Vamos provar por A mais B.

Os marxistas acreditam que a revolução será guiada por uma vanguarda de intelectuais — que só pode ser oriunda de pequena-burguesia ou operários aburguesados — por razões óbvias que no capitalismo intelectual é classe média — que vão dirigir o estado socialista. Logo, a emancipação dos trabalhadores não é obra dos trabalhadores mas de meia dúzia de intelectuais pequenos-burgueses apoiados pela massa operária.

Marx não disse proletários de todo mundo unam-no-mas mas UNI-VÓS...

Essa pequena-burguesia, uma vez no poder, não desmantela a repressão do poder mas, mais uma vez, a eterniza, aumentando o seu potencial repressivo sob o pretexto de "educar" os operários para a construção do comunismo QUANDO EM REALIDADE ESTÁ SEGUINDO SEUS INTERESSES DE CLASSE, ISTO É, DE PEQUENOS-BURGUESES QUE SE APOSSARAM DOS MEIOS DE PRODUÇÃO ATRAVÉS DA NACIONALIZAÇÃO E DA ESTABILIZAÇÃO. POSSUI NICOLAU. QUEM DECIDE O QUE SE FAZ DO MEIO DE PRODUÇÃO E QUEM TIRA MELHORES LUCROS. ISSO OCORRE COM A VANGUARDA EM TODOS OS PAÍSES DITOS SOCIALISTAS, ISTO É, SOCIALISTAS.

MARXISTAS

Ai, Nicoláiev, você vê surgir polícia secreta e não entende porque, você vê invadindo o Afeganistão e dizendo asneira para justificar e não entender, você vê Lenin virar múmia, Fidel criar campos de concentração de trabalhos forçados e não quer entender. Elementar, meu caro, o socialismo pequeno burguês dirigido por intelectuais resolve parcialmente as crises econômicas do capitalismo e socializar, até certo ponto, os meios de produção, mas gera uma nova classe social, dona, de fato, dos meios de produção estatais. O resto é superestrutura e ideologia, no sentido marxista do termo, isto é, os discursos, russos, chineses, cubanos, albaneses, etc, são pura ideologia de classe dominante (a vanguarda pequena burguesa) tentando justificar seu poder e suas aberrações.

O anarquismo é operário porque tem como programa básico a abolição da vanguarda operária e do Estado. Vê, na tomada do poder pelo proletariado, a imediata destruição dos aparelhos repressivos da classe dominante e sua substituição pela Autogestão generalizada com o povo em armas. E, principalmente, não vê a revolução guiada por uma vanguarda, por um partido hierarquizado tendo na cúpula chefes iluminados.

Não casa, como fazem os marxistas, o socialismo com estruturas organizativas de luta da burguesia (partidos, estados, polícias secretas). Estas formas repressivas foram levadas para a luta operária e para o socialismo pelos intelectuais pequenos burgueses aspirantes ao poder e a constituir-se em Nova Classe.

Exatamente por isso — porque a pequena-burguesia marxista aproveita-se das revoluções populares para darem golpes de estado — é que um verdadeiro socialismo libertário ainda não foi implantado.

Mas é um processo histórico. Cada vez mais, o proletariado mundial percebe a confusão e toma uma verdadeira consciência de classe.

É SUPREMACAMENTE REVOLUCIONÁRIO DESMASCARAR ESSA FACÇÃO PEQUENO BURGUESA, DITA SOCIALISTA, PARA QUE O OPERÁRIO POSSA ASSUMIR O CONTROLE DOS MEIOS DE PRODUÇÃO.

O socialismo libertário é socialismo sem vanguardas, sem "partidos operários" e, por extensão, tenta refletir organizações operárias e camponesas de luta como a Ação Direta, a Autogestão, enfim um socialismo proletário e não autoritário. Afirma que a emancipação dos trabalhadores só se dará por eles mesmos e conclama: "trabalhadores de todo mundo UNAMO-NOS".

Claro que existem pessoas que nasceram na classe média que podem ser libertários, mas desde que estejam na retaguarda. O anarquismo é uma revolução contra as vanguardas, contra as elites, e, portanto, está aí sua verdadeira raiz proletária. É a consciência de libertação do operariado.

NICOLAU — 4 (Você acusa o Partido Comunista Brasileiro de um aventureirismo esquerdista, em 1964, quando teriam acreditado estar à beira do Poder... Professor, será desinformação ou má-fé? Talvez você nunca tenha tido oportunidade de ler os comentários sobre tal época publicados, por todos esses anos, no jornal "Voz Operária". O órgão oficial do PCB sempre defendeu posições semelhantes às suas, acusando a esquerda independentemente de não ter analisado corretamente o momento histórico, provocando o golpe. Enquanto isso eles conchavavam com a classe dominante, amenizando os conflitos então existentes. Isso porque sabiam não ter força. E agora jamais acreditaram no poder criativo das massas. Quanto ao fato da reação ter se aproveitado do discurso da esquerda para justificar o golpe, gostaria de lhe lembrar que, quando a burguesia quer, transforma em "perigo comunista" até inofensivo discurso liberal-reformista.

5! Mais adiante, você afirma que "nos primeiros anos de repressão a vanguarda enlouqueceu de vez. Resolveu fazer oposição ao regime de qualquer jeito". O que você recomendaria? A passividade? Devo lhe lembrar que os sindicatos e outros órgãos que poderiam ser considerados representativos sofreram intervenção militar. E, na organização das bases durante os períodos mais críticos da ditadura, não me parece que os libertários tenham sido mais eficientes do que os autoritários. Pelo menos deles não ouvimos falar até 1976.

LÍPER — 4 — Realmente, nunca tive acesso à "Voz Operária" e mesmo que tivesse acredito que não tivesse disposição de ler ideologia e propaganda de um partido pequeno-burguês. Da mesma maneira que não leio "Seleções do Readers Digest" não penso em ler "Voz Operária". Se o pezeção defendeu posições onde reconhecia sua força diminuta para enfrentar a direita organizada do país, fica inexplicável a sua passividade diante disso porque notórios elementos do dito partido aceitavam participar de uniões táticas com todas as esquerdas nas formas tresloucadas de fazer oposição ao regime, principalmente o movimento estudantil da época, onde todas as tendências se uniram, pelo menos aparentemente.

5 — Aqui devo-lhe lembrar que não tenho seis anos de idade para aceitar esse raciocínio seu, profundamente imaturo.

Primeiro, é fazer alguma coisa para não ficar parado. Isso é de uma estupidez e inocência tão grande que fico a me perguntar novamente o que você quer Nicolau? Qual é a sua? Quer dizer que se tem de fazer alguma coisa para não se ficar parado. É isso mesmo ou entendi errado? Você quer dizer que em certas circunstâncias tem de se fazer alguma coisa porque, simplesmente, não se pode ficar parado. Você não desconfia que isso é medo ingênuo demais? Já lhe ocorreu que certas formas de ação não são muito notórias mas são mais importantes a depender do momento histórico. Nunca lhe ocorreu, Nicolauzinho, que o agir inconseqüente é um ato contra-revolucionário? Aqui você revela raciocinar como um menino de 6 anos. Pergunta você o que os libertários fizeram. Reconhece você: "Tá certo, erramos e vocês?" Não estou aqui para recomendar nada — não sou vanguarda com receitas prontas para enfrentar a ditadura — só quem pode libertar-se de uma ditadura é o povo, quando as condições estruturais da sociedade, entrando em crise, criam as circunstâncias necessárias. Não estou também para dizer o que os libertários fizeram. Garanto que burrice não deram. Se você não ouviu falar deles é porque não quis. Problema seu.

É inegável que o esquerdão (não faço diferenças metafísicas entre eles) ao agir de forma inconseqüente em 64 e na década de 60 deu um pretexto à direita no endurecimento do regime. A meu ver negligenciou-se o trabalho de base; você aqui fica na superfície dizendo que os sindicatos estavam sob intervenção. Quer dizer que para você base operária é ditadura de sindicato...? A vanguarda dos prin-

cipais movimentos foi de uma burrice, incompetência e inconseqüência que é desacreditada, de uma vez por todas, como vanguarda. Movimento operário com vanguarda não é movimento operário e a vanguarda brasileira, ainda por cima, é incompetente. Em vez de organizar as bases, ficou tentando lutar separada da base ou manipulando-a — como estão fazendo hoje — contra a ditadura militar. Foi incompetência. O peçoço, se é que teve opinião diferente, ficou, como sempre fica, perplexo com os acontecimentos tentando enganar a todos e terminando por ser enganado pela direita pela milésima vez.

NICOLAU — 6) Na sua opinião, a vanguarda é responsável pelo endurecimento do regime. Em nota publicada em novembro passado, o "Jornal do Brasil" acusou os estudantes de Santa Catarina de "provocações inúteis, fruto do aventureirismo inconsciente e da imaturidade política...", concluindo que "ninguém presta serviços à democracia ofendendo ou agredindo o Presidente". Como o discurso usado pelo "Jornal do Brasil" é muito parecido com o seu, uma dúvida me assaltou: Será o "Jornal do Brasil" divulgador dos ideais libertários ou você, professor Ricardo Liper, da liberal-democracia?

LIPER — 6. — Aqui é um simples chingalim seu. Não me atinge em absoluto. Qualquer pessoa que raciocine sabe que provocações inúteis a representantes do capital não passam de festividades. Se você é festivo a ponto de ficar com estudantes pequenos burgueses em tudo que eles fazem pelo simples fato que estudante é em si revolucionário você é um metafísico que mistifica categorias e palavras. Estudante, Nicolau, oriundo da pequena-burguesia, comumente é instável, inconseqüente e pode, devido a isto mesmo, destruir muitas coisas. Eu prefiro os operários.

NICOLAU — 7) Respostas a algumas das suas indagações:

a) O que foi o terrorismo brasileiro? Terrorismo, professor, foi a ditadura quem exerceu desde os primeiros instantes da "Gloriosa Redentora". Você, na verdade, está se referindo à oposição armada, correto? Pois bem, vamos nos reportar aos anos sessenta. Apoiado na vitória das guerrilhas comandadas por Fidel Castro, o pensador francês Régis Debrails divulgou a teoria do foquismo, ou seja, um grupo reduzido de pessoas teria condições de desencadear numa determinada região o processo revolucionário que, pouco a pouco, iria ganhando adeptos entre a população, que formariam novos focos, até a tomada do Poder. Carlos Marighella adaptou essa teoria para a cidade, escrevendo o seu famoso "Manual da Guerrilha Urbana". O que seria isso? Não tendo a esquerda condições de iniciar a luta no campo, como mandava a teoria foquista, deveria fazê-lo na cidade, arrecadando fundos e adeptos para a futura luta no campo. A prática demonstrou que essa teoria "militarista" era furada. E, como a análise concreta de uma realidade concreta só é possível na medida em que se utiliza, simultaneamente, teoria e prática, temos hoje certeza de que a guerrilha urbana não é a forma apropriada de enfrentar a ditadura burguesa graças a esses grupos que osaram experimentar-la. Devemos combater o voluntarismo, tão distante das massas e de uma concepção correta do que seria a revolução socialista. Porém, não podemos desmerecer a atuação dessas pessoas. Muitas delas, inclusive, engrasam, hoje, as fileiras do pensamento libertário. Faço questão de lhe lembrar, ainda, que o guerrilheiro conhecido como Bacuri, assassinado pela ditadura, teria afirmado, em certa ocasião, ser anarquista. Isso para não falar de todos aqueles que, atualmente, fazem uma revisão de suas concepções, aderindo à causa libertária.

b) Será que já não está na hora de fazerem autocritica pública?

Não costuma ler os jornais da imprensa alternativa, Professor? Há meses que divulgam autocriticas das mais diversas pessoas, das mais diversas tendências. O semanário "Movimento", inclusive, lançou um número especial sobre o assunto. É verdade que essas autocriticas são esvaziadas pela grande imprensa, interessada em manter o mito do "terror comunista", no que conta com o seu apoio.

LIPER — 7 — A. Você, como todo intelectual acadêmico, tenta explicar os termos para chamar a mesma coisa com outras palavras para confundir as pessoas. Todo estado é terrorista, meu caro. Não só o brasileiro. TODO ESTADO EXERCE O TERROR EM CIMA DA POPULAÇÃO DESARMADA E BESTIFICADA. Só variam os motivos e as intenções, que, no fundo no fundo, são as mesmas.

Oposição armada? Nome bonito, né? Pois é... Marketing? Técnica de publicidade barata para cima da gente Nichol?

O que ocorreu foi erro de uma vanguarda que importa coisas sem nem ler direito o que está importando. Porra-louca de intelectual pequeno-burguês incompetente, apressado. Sua pequena introdução às razões de uma vanguarda louca não comove ninguém. Todo mundo sabe, sim senhor, que era errado.

Tinham inclusive o exemplo trágico de que Che Guevara. Foram na base do ódio, ódio. Comportamento típico de intelectual pequeno-burguês tirado a socialista que se julga vanguarda e despreza a atuação das massas.

B — Não leio "Movimento" porque não leio jornal que se diz alternativo e tem censura interna. Acho cretino demais para meu gosto. É lamentável que você o leia. Outra coisa, para mim, essa vanguarda mente muito e não está interessada em perder meu tempo com as páldias autocriticas, que porventura possam surgir. Eles só estão se auto-criticando agora porque convivem a eles no estágio de conchavo com o poder que estão vivendo presentemente e não necessariamente porque fizeram a revisão de sua posição como vanguarda. Portanto será sempre ideologia, mentira, má-fé. Essa auto-critica, habitualmente feita, tem como finalidade reforçar-lhe o poder de negociação com Brasília. Isso não é exatamente o que acho que seja evolução dentro dos atuais movimentos revolucionários.

A burguesia — fabuloso engano seu — não está interessada em terrorismo comunista hoje. A grande imprensa está preparando a opinião pública para aceitar os comunistas travestidos nos partidos videntes (é parte do acordo). A burguesia interessa conchavar a democracia e aos marxistas também, errando mais uma vez, na sua história tragicômica.

NICOLAU — 8) Sua análise chega às raízes do absurdo quando você afirma que "a vanguarda abstraiu, de forma inconseqüente, e, megalomaniaca, pensou pensou que o golpe de 64 tinha como única finalidade reprimir os obscuros grupos políticos comunistas que sonhavam com o Poder". De onde tirou semelhante idéia? Nunca ouvi ninguém da chamada vanguarda fazer tal afirmação. Ao contrário, sempre procuraram denunciar que a perseguição aos grupos comunistas não passava de uma manobra da ditadura para justificar medidas antipopulares. Muitos democratas-burgueses foram perseguidos e acusados de comunistas à medida em que denunciavam as arbitrariedades e os abusos de poder. Não inverto os fatos, Professor Ricardo Liper. A ditadura sempre utilizou o comunismo para mascarar a opressão. E os comunistas, estes jamais disseram que a ditadura tinha como única finalidade combatê-los (mesmo porque, seria uma injustiça se esquecer dos corruptos — lembra do duo subversão-corrupção, presença em todos os discursos oficiais?).

LIPER — 8 — Você acredita muito em propaganda oficial e coisas oficiais. Claro que os comunistas se pensavam à beira do poder porque — dentro do esquema de controlar as lideranças — estavam relativamente bem situados. Quando veio o golpe a direita aproveitou a agitação megalomaniaca, dessa vanguarda e encampou manobrando. Você simplesmente quer dizer que a causa principal da revolução não foi desalojar esquerdinhas e esquerdistas de pontos-chaves. E então o que foi?

A direita brasileira assumiu o controle do poder para varrer do poder os maus administradores e acabar com a agitação — feita por essa vanguarda que dominava as lideranças populares do país e inconseqüentemente fazia disso uma festa e acabar o conchavo que setores mais moderados dessa esquerda mantinham em vastas áreas do poder.

Apesar de inexpressiva como grupo revolucionário, a esquerda megalomaniaca na sua estratégia de dominar lideranças e acreditar que dominava o corpo social, acreditando-se à beira do poder precipitou o país no golpe de estado e depois desviada o endureceu, agora está aí conchavando com esse mesmo poder, se dizendo arrependida do terrorismo, prometendo bom comportamento partidário em troca de uma anistiazinha e outras quinquilharias. Novamente investe — manipulando, batendo, forjando, fabricando lideranças ocupando postos — chaves, tudo isso com muita mentira, manobra e tudo — o que os ingênuos acreditam que é ocupação de espaço político...

NICOLAU — 9) — Lá pelas tantas, você chama Bokassa I de engraçadíssimo... Eu, hein! Matar seus opositores e guardá-los numa geladeira é engraçado? Torturar e assassinar crianças, também? Só se for para você. Para mim é tristíssimo.

LIPER — 9 — Aqui você chega a ser cantativo. Sua inteligência me parece embotada. A palavra engraçadíssimo usada por mim, quero crer que todos entenderam, significa grotesco que acho é algo muito mais sério do que triste. Você me pareceu tão piegas como a Libertad Lamarque. O grotesco transcende o simplesmente triste e trágico. O ridículo é uma aberração.

NICOLAU — 10) — Em seguida, você diz que em 64 "antes que o mal crescesse a burguesia ratomou o Poder". E alguma vez ela o perdeu? Quando, que não me contaram?

LIPER — 10 — É preciso que você saiba que a burguesia delega poderes a técnicos e burocratas para administrarem o estado. Permite, em momentos de relativa calma social, que alguns setores da população sejam representados em áreas não importantes dessa administração. Num momento de crise ela toma o poder simplesmente e remodela a cúpula administrativa fechando os canais de

penetração popular. Entendeu agora Nicolauzinho...?

NICOLAU — 11) — Palavras suas: "Minimizou o processo de desenvolvimento real do país e a partir daí foi de burrada em burrada." Você deve estar confundindo desenvolvimento com acumulação de capital. Porque mesmo os pensadores burgueses admitem que o desenvolvimento só existe com a difusão do crescimento. E não vimos em nenhum momento essa difusão. Muito pelo contrário, tivemos dois tipos de acumulação: riqueza de um lado, miséria do outro. Continuamos subdesenvolvidos, Senhor Liper, apesar da propaganda oficial...

LIPER — 11 — Novamente você academicamente usa palavras e contra-palavras fugindo ao debate real das idéias. Agradeço-lhe não me ter citado o latim e o grego. Só que você dá um conceito de desenvolvimento que eu aceito, mas que é uma visão socialista do problema. Pelo seu conceito não existe nenhuma sociedade até agora desenvolvida porque em nenhuma há participação real na riqueza do país. Qual você citaria? A Albânia por exemplo...? Ou a Rússia onde as diferenças de salários entre a burocracia e o operariado chega a ser igual ou talvez maior do que na Inglaterra...

Você entendeu e todos entenderam que estava a me referir ao crescimento econômico e não me passava pela cabeça referir a um conceito tão delicado e tão passível de interpretações errôneas como é o de desenvolvimento. E quem lhe disse Nicolau que não há uma tendência no capitalismo brasileiro a melhor distribuir as migalhas?

NICOLAU — 12 — Você chama os autoritários de direitistas porque eles estariam se deixando utilizar pela direita. A acusação deles em relação a nós é recíproca. Blá, blá, blá. Enquanto brigamos babacamente, a direita mantém o Poder com uma tranquilidade que jamais sonhou. Fazer o jogo da direita, Professor Ricardo Liper, é deixar ela de lado quando ela continua no Poder e ficar atacando a esquerda (que você mesmo admite inexpressiva no país), juntando sua voz a dos elementos mais reacionários da nação. Isso mesmo, Liper, aproveite que os 15 anos (até agora) da ditadura fascista esmagaram a esquerda e pisa mais com a sua bota, ao mesmo tempo em que clama por liberdade — os generais estão muito felizes com você.

LIPER — 12 — Agora você dá uma de maniqueísmo. A direita que está no poder é má e o esquerdão bom. Simplista esse raciocínio. O que existe é a burguesia no poder e a pequena burguesia esclarecida — o esquerdão — marxista, querendo o poder para reformar a sociedade sob o modelo da ditadura pequeno-burguesa que ela chama de operariado. Portanto, é dever denunciar as duas com a mesma energia. E, talvez, mais até aquela que se diz revolucionária, porque historicamente, pode ser mais perigosa se conseguir iludir as massas.

Aqui mais embaixo, você menospreza minha inteligência. Você quer fazer uma jogada burra em cima de mim. Você diz que os generais estão contentes comigo logo eu deveria deixar de dizer essas coisas para que eles fiquem contentes comigo. Nicolau, é infantil demais. É dose para leão. Parece menino da UNE. Parece babá com criança pequena. Não faça isso porque o bicho papão lhe pega...? Qual é...?

NICOLAU — 13 — "... nos modelos vanguardistas de Lenin e do advogado Fidel". Fala, João Amazonas do anarquismo baiano! Ser advogado, agora, é coisa depreciativa? Malandro, isso tem cheiro de obreirismo, muito em voga durante a regência staliniana. Ou você discorda, Professor Ricardo Liper?

LIPER — 13 — Advogado, sim senhor, quero dizer pequeno-burguês de nascença, pequeno-burguês porque marxista vanguarda, deiro, e, por isso mesmo ditador. Tem de se lembrar sempre que Fidel é advogado.

Ser advogado não é nada e não ser que se tenha mentalidade de advogado e Fidel tem. Dai ser o ditador sanguinário que é. Você notou como você é contraditório. Você me chama de professor o tempo todo querendo ironizar o título. E, depois, me critica por fazer o mesmo com Fidel. Você é engraçadíssimo Nicolau...

NICOLAU — 14 — Seu negócio é atacar a luta armada... Nem sempre isso é uma posição revolucionária. Ou você acha que é? O Prestes, durante a homenagem ao Marighella, também falou que a resistência armada é uma atitude equivocada, distanciada das massas. Olha você fechando com o Partidão.

LIPER — 14 — Meu negócio não é atacar a luta armada. Você torceu de novo meu pensamento simplificando para ficar fácil a você desmantelá-lo; é preciso que lhe repita que esse comportamento é infantil. Sou contra a luta armada no momento errado. O que foi feito no Brasil pela vanguarda incompetente foi errado e estão aí pousando de grande coisa.

NICOLAU — 15 — Ao falar da guerrilha do Araguaia você mostra total desinformação. Apresenta o movimento como se fosse um foco surgido no meio da Amazônia, semelhan-

te enquanto proposta aos movimentos do Vale da Ribeira, Capará ou ao comandado pelo Jefferson Cardin, no Paraná. Se você se der ao trabalho de ler o documento "Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil", divulgado pelo Comitê Central do PC do B em janeiro de 1969, vai ficar sabendo que eles eram totalmente contrários à tese do foquismo, que consideravam uma forma de luta distanciada das massas e, portanto, pequeno-burguesa. A ela opunham a teoria da guerra popular, diretamente importada da China via pensamentos de Mao Tsé-tung. E o que propunha essa teoria? A formação de um exército popular, constituído principalmente por camponeses (no caso eles esperavam contar com o apoio dos posseiros da região, em constante atrito com os latifundiários sulistas ligados às multinacionais). Para isso, segundo o documento, seria necessário, antes de mais nada, a criação de bases de apoio (à medida em que precisavam de centros que os abastecessem de alimentos). Pois bem, Ricardo Liper: por uma série de falhas, a repressão acabou por descobrir a existência de grupos encarregados de formar essas bases na região compreendida entre Xambioá (Goias) e Marabá (Pará), às margens do rio Araguaia. A área foi cercada e não restou alternativa aos grupos senão se internarem nas matas. Assim surgiu o "foco" do Araguaia. Quando se tem um exército poderoso no rastro, companheiro, ninguém pensa em "condições pré-revolucionárias" ou qualquer coisa no gênero. Pensa apenas em se safar. Se existe uma crítica a se fazer ao pessoal do CC; esse é o fato deles terem transformado a fuga numa irreel vitória política, gerando, assim, toda a confusão. Agora uma observação: caso lhe seja difícil o acesso ao referido documento do PC do B, dê uma olhadinha em uma reportagem publicada pelo "Estado de São Paulo" em setembro (se não me engano) de 1973.

LIPER — 15 — Você fez aqui uma séria propaganda da guerrilha do Araguaia. Me lembrou um pouco, Amiral Neto, o Repórter. Mas deixa pra lá. Confirmou, sem o querer, a minha tese que a vanguarda brasileira é incompetente. Falha. Dada a desesperos. Você lembra que a Rádio de Tirana dizia que o Brasil estava quase à beira do socialismo com a guerrilha do Araguaia. Pois é. Acho que você torceu muito aqui. Houve erro, concordo, o que confirma minha tese a respeito da vanguarda brasileira. E outro erro transformar a coisa numa grande vitória e culpar a repressão pelo resto.

Ache-lo simplista demais na análise.

NICOLAU — 16 — Você afirma que a esquerda autoritária, à cabeça das greves, saiu apedrejando jocosamente tudo o que encontrou pela frente. Puxa, nem a repressão insiste nessa acusação descabida, porque não colou. Ficou mais do que provado que os apedrejamentos ou foram manifestações espontâneas ou partiram de provocadores infiltrados. Mas você é que nem aqueles reacionários velhos que batem sempre na mesma tecla. De vez em quando, no auge de uma discussão, você não alega que comunista como criança? Não mesmo?

LIPER — 16 — Afirmo porque vi. Vi a vanguarda aqui, na frente de cada greve pintando o sete.

Vi o Congresso da UNE. Foi um vexame de luta pelo poder. De manobrista. De autoritarismo. Nós inclusive fomos impedidos de falar.

Não afirmo que comunista como crianças. Mas afirmo que possuem polícia secreta, que prendem opositores de esquerda e os matam, que utilizam hospitais psiquiátricos para isolar opositores políticos, que encarceram homossexuais em campos de concentração, que invadem países para depor seus governos, que colocam dois países comunistas para brigarem e se esfaçalharem numa luta pelo poder — Vietnã e Camboja — quem mantém ditaduras ferozes em seus países, que não passam de um bando sanguinário de pequenos burgueses intelectualizados sempre dispostos a utilizarem uma revolução popular para controlarem o poder. Para mim coisas tão graves como comer crianças.

Na greve dos motoristas de ônibus daqui em Salvador, quem comandava a greve era um jovem advogado que não se conseguiu eleger pelo MDB. Nicolau, a palavra reacionária dita por uma socialista autoritária é dantesca, horrenda, sem sentido. Marxismo hoje em dia, pelo que disse acima é a própria reação.

NICOLAU — 17 — Você também diz que o esquerdão está sendo apanhado de surpresa (no que não acredito) e jogado para frente, ocupando, de modo apressado, os espaços abertos. Pois faço uma sugestão: desde que não tenhamos de fazer concessões, por que nós libertários não ocupamos, também, esses espaços, de forma anti-autoritária? Por que não aproveitá-los para expor nosso pensamento? Que me importa se eles são uma conquista nossa ou concessão do Poder. Não sou orgulhoso. Quero mais é aproveitar qualquer espaço para divulgar o pensamento libertário e desenvolver nossas lutas. A esquerda autoritária, pelo menos nesse aspecto, não está cometendo erro algum.

LIPER — 17 — Você, mais uma vez, não entendeu o que leu. Só você ficou tão confuso com coisas tão claras. O esquerdão foi apanhado de surpresa por uma abertura que não foi necessariamente fruto da luta dele contra a ditadura, mas resultado de lutas internas dessa própria ditadura. Ocupa espaços por debaixo do pano, ao mesmo tempo que diz está lutando pela redemocratização. Os libertários não ocupam espaços da mesma maneira — conchavando, ludibriando, enrolando, mentindo, fabricando líderes etc. — Você está confundindo as coisas. Ocupar espaços como os autoritários fazem, nunca! Ocupar espaços sim, mas não com a mesma mentalidade de uma vanguarda pipoqueira.

NICOLAU — 18 — Você continua na do "ouro de Moscou" — como é o negócio? A Rússia se entendeu com Washington e o Partido ficou disposto ao democratismo burguês... Como você é simplista, Ricardo Liper. Esse seu tipo de raciocínio muito contribuiu, há quinze anos atrás, para a tomada do Poder pelos generais. Por acaso não é do seu conhecimento que a linha que atualmente predomina no PCB é a do eurocomunismo, representada pelo José Sales e pelo Hércules Corrêa, entre outros? O "representante" do PCUS, Luis Carlos Prestes, nunca esteve tão por baixo em seu partido como neste momento. Então, maninho, vamos pensar a política com mais seriedade e deixar de lado essa asneira de que tudo no mundo é gerido por USA-URSS-CIA-KGB.

LIPER — 18 — Sua ingenuidade é doentia. Você nega o poder de conchavo de Washington e os comunistas, fica com as explicações da propaganda dos referidos países e partidos. Não interessa as tendências internas do PCB. Não reconhecer a capacidade de negociar dos estados atuais é desconhecer política internacional. As briguinhas de comrades são as arestas sem importância de acordos sérios de cooperação maciça entre comunistas e Washington. A China fez papéis ridículos recentemente nesse terreno. Há, inequivocamente, acordos sérios entre os principais estados do mundo, de cooperação na opressão dos povos.

NICOLAU — 19 — Já caminhando para o final da matéria, você diz que se recusa a analisar os outros grupos que você caracteriza como vanguardistas porque, na sua opinião, "isto é" já fez com um deles (os libelus de São Paulo) uma análise muito boa. Depois de ler o seu artigo, não me admira de você estar fechando com os liberais democratas da citada revista (reconhecida como dos mais novos representantes da imprensa marrom). Afinal, o seu nível de análise e o de "isto é" se equivalem. Quando a revista, ao invés de fazer uma crítica consequente, prefere investir contra o citado grupo taxando-o de um bando de anarco-narcóticos, está tripudiando sobre os libertários em geral e sobre os anarquistas em particular, à medida em que o termo anarco é aí colocado como sinônimo de porralouca que não deve ser levado a sério (e olha que os

libelus nem são libertários, já imagina se fosse, quanta esculhambação não receberiam...). Mas você não consegue ver isso (ou não quer) quando se trata de uma crítica contra a esquerda, principalmente se essa crítica for oriunda da direita que, eu insisto, é a sua principal aliada.

LIPER — 19 — Aqui você se perde, insisto eu, em tentar me intimidar dizendo ser a direita a minha principal aliada. Não, meu caro, aliada permanente de gente como você e o esquerdão que conchava a olhos vistos com ela. Eu não ando por Brasília conchavando com meus partidinhos, não senhor. Não conheço as embaixadas estrangeiras nem os corredores dos palácios. Os aliados da direita são esses que você defende e que eu denuncio. Repito: não me consegue intimidar com esse recurso tolo de que tudo que critica o esquerdão é de direita. Meus pontos de vista políticos, por demais conhecidos de quem me lê, não deixam dúvidas, pois são muito claros. Agora gente primária e burra é que pode ter esse raciocínio maniqueísta: crítico a esquerda é de direita — seria ótimo para o esquerdão fazedor de cabeças que isso fosse verdade —, MAS NÃO É.

Que esquerda eu crítico? Eu nunca crítico a esquerda mas sim setores da direita ou você esquece que o esquerdão brasileiro é de direita?

NICOLAU — 20 — Quanto à sua defesa ao "profeta" Glauber Rocha, gostaria de lhe lembrar que o cineasta estava com a esquerda quando ela parecia às portas do Poder. Mudou em 74, dando uma surpreendente declaração à revista Visão, no número comemorativo dos dez anos do golpe militar. Talvez ele já tivesse mudado antes (ou quisesse), mas sem chance de se manifestar. É um equívoco seu (muito provavelmente proposital) afirmar que a esquerda o teria combatido por afirmar que os próprios militares fariam a redemocratização (democracia essa que você acha que já veio, provando que o Glauber é realmente um profeta. Eu, entretanto, ainda me sinto vivendo sob o bastião da ditadura). O que a esquerda em geral combateu (e não foi toda, pois gläubetes há em toda a parte) foi a maneira como Glauber se colocou. Lembra que ele disse que os militares são os verdadeiros representantes do povo brasileiro? Você concorda, primeiro, com a própria tese de que haveria possibilidade de delegar a qualquer grupo representação tão heterogênea? E no caso de uma resposta afirmativa, o grupo "eleito" seria o dos militares? E você também concorda com o Glauber quando ele diz que o Golbery é o gênio da raça? Gênio e raça, palavras que, tão próximas, lembram muito o discurso fascista... Se você concorda com tudo isso, Ricardo Liper, é realmente assombroso! O que mais se ataca em Glauber é o seu eterno namoro com o Poder, fingindo-se um contestador independente. Porque depois daquelas afirmações simpáticas aos generais, ele conseguiu 12 milhões de cruzeiros (na época valia o dobro do que vale hoje) para realizar o filme "Idade

da Terra", do qual não se tem mais notícias. Mas o Glauber é um símbolo vivo da Bahia, não é Liper? Ah, esse regionalismo... Digo mais, Liper: no começo do mês de dezembro passado, o "Jornal do Brasil" publicou uma nota em que também o chama de profeta (aliás, você e a grande imprensa, pelo visto, têm muitos pontos em comum). Nessa nota está escrito que o "genial" Glauber afirmou que o ayatollah é a reencarnação de Antônio Conselheiro e o Irã, em relação aos EUA, o que Canudos foi para a República — enfim, um "bastião na luta contra o imperialismo" como definiria a teoria enlatada do Partido. Agora, para um libertário é meio chato "canonizar" o ayatollah depois que ele andou prendendo homossexuais, chicoteando mulheres e outras coisas no gênero... Ou você acha que não?

LIPER — 20 — Você acertou em parte. Glauber é contraditório. Mas o esquerdão ficou mesmo com cara de banjo, em relação a ele, graças aos seus apressamentos em enfiar possíveis lideranças e mitos. A subversão dessa gente em relação a mitos intelectuais é assunto de um estudo a parte. Quando Glauber surgiu, foi aquela festa. Eu, para seu conhecimento, nunca gostei de seus filmes e do seu jeito, sempre fiquei desconfiado com ele. Mas naquela época isso era sinônimo de uma tal heresia que eu, adolescente, ficava até sem jeito... O esquerdão babava com ele. Engolia suas contradições filmáticas, sem analisar nada.

Agora que ele foi contraditório no apoio à esquerda, passam a analisar, como você fez — suprema ingenuidade — até as palavras que ele diz. Qual é, Nicolau? Quem é mais mau-caráter, o esquerdão, que o apoiou no passado puxando o saco até melar ou ele que gozou agora esta macacada toda gloriamente? Não sei. Os dois. Agora, que tenho de comentar, tenho, para desmoralizar essa intelectualidade burra da pequena burguesia brasileira. Mas não é esse tom que todos gostam nos seus filmes? Agora, quando o cipó baixou para o lado do esquerdão, vamos esquecer que estamos lidando com um artista complexo e analisá-lo como um estudante de supletivo do primeiro grau. Quã, quã, quã.

Você mais embaixo, endoidou de vez ao atribuir eu citar Glauber a uma espécie de baianidade que permeasse meu pensamento. Novamente tentou atirar no escuro e errou o alvo. Sou contra a qualquer tipo de baianidades porque acho que todo intelectual é em potencial um cretino, também o sou principalmente talvez por motivos de que não se cabe analisar, aqui, os baianos. Agora quando pego essa mesma intelectualidade pequeno-burguesa enrolada em seus próprios conceitos, morro de rir e calo em cima de pau. Vejamos. O que pondero é que se reproduz no Brasil uma colonização cultural do Sul — zona economicamente desenvolvida — com o Norte e Nordeste. Fato incontestável e que reproduz, guardando-se as devidas proporções, a exploração do imperialismo americano e seu

colonialismo cultural em relação ao Brasil. Agora, coisa curiosa, Nicolauzinho, como a exploração cultural, dentro do Brasil, beneficia a pequena-burguesia sulista — eixo Rio/S. Paulo — quando como balano, pondero e reajo viro "regionalista". Se você pensa como disse, você é a favor da colonização americana da cultura brasileira também... E agora Nicolau? Não estou com Glauber como nunca estive e muito menos por ele ser balano, agora o relacionamento neurótico Glauber e esquerdão é um momento de comédia de pastelão. Sorrir, sorrio. A corrida pelo poder é antes de mais nada ridícula.

NICOLAU — 21 — No finalzinho você diz que "a esquerda brasileira é uma festa. Desse jeito você acaba contratado para escrever na "Manchete", Ricardo. Isso é o tipo de coisa que eles gostam. Manda o seu artigo para o Bloch, Cony e companhia limitada. Tenho certeza de que, em breve, o teremos como o novo responsável pelos editores da revista.

Ao findar a leitura do seu artigo, Professor Ricardo Liper, cheguei à conclusão de que lhe falta, no mínimo, competência para chegar a ser um Fernando Gabeira. Também posso estar equivocado ao pensar que você tem essa pretensão... Afinal, se o que você quis dizer era isso mesmo, quem sabe não o encontraremos, daqui a pouco, gritando anauê e dando vivas a Plínio Salgado pelas ladeiras da Bahia?

Uma última coisinha: como determinadas sutilezas me escapam (afinal não tenho o brilho da sua inteligência), pode me explicar o título do seu artigo? Foi só porque lhe pareceu original ou por você estar pensando em reabrir o fã-club de cantora?

Sem mais

Nicolau

LIPER — 21 — Aqui, sua mão fé é tão grande que você esquece o que as palavras significam em português. A esquerda brasileira é festiva, pipoqueira, carnavalesca. É mesmo! Os fatos citados, ao longo do artigo, mostraram isso. Quanto a ser como Gabeira? Nunca. Para mim, personagem oportunista, semelhante ao Glauber. Sei muita coisa dele dita por companheiros de exílio que sofreram muito por causa do seu rebolado. Sua tanguinha, para mim, está manchada de horror. Novamente a intelectualidade pequeno burguesa brasileira foi pelas aparências no incenso a Gabeira

As cartas para este jornal deverão conter nome completo e endereço do remetente, mesmo que para publicação seja usado pseudônimo.

O limite de espaço para cartas é de duas laudas (30 linhas de 72 toques). As cartas que excederem as duas laudas estarão sujeitas aos cortes que as adaptem às duas laudas

ALIMENTAR A TERRA ANTES QUE ELA MORRA

Antônio Fernandes Mendes

A estupidez humana está levando o minúsculo e poluído planeta Terra ao estancamento total. Os apologistas da eficiência e da "ciência" acharão ridículo o que digo. Entretanto, prefiro viver "ridiculamente" mas de acordo com a natureza, da qual sou uma pequenina partícula, neste gigantesco sistema. Os mesmos defensores de um progresso selvagem e anti-humano dirão aos alienados que as suas conveniências estão acima destas ovelhas negras que defendem a natureza.

Afinal de contas, infelizmente, não se proliferam homens com equilíbrio e visão de longo alcance. Infelizmente.

Vamos, então, aos fatos de nossa observação no que se refere ao empobrecimento da Terra pela depredação do homem. O jornal "O Estado de São Paulo", na sua edição de 23 de fevereiro de 1980, em editorial, deu uma distorcida visão deste grave problema, quando de sua crítica ao documento da Igreja elaborado em Itaipu, referente às lavouras de subsistência. O mes-

mo jornal defendeu de modo furibundo a monocultura em grande escala, para atender às exportações e ao abastecimento das grandes cidades, como se fosse natural o viver nestas megalópolis.

Não vou explicar o fenômeno destes monstros, mas os sábios dos séculos anteriores darão melhores explicações nos seus tratados, onde nunca esqueceram de abrir os olhos da humanidade para os perigos das grandes concentrações humanas. Houve planos e projetos para que as cidades fossem diversificadas pelos campos e nunca chegassem a ter mais de 10 mil habitantes e com toda a estrutura capaz de oferecer a essas pessoas uma vida saudável. O mundo antigo e bíblico já havia dado soberbas lições dos perigos das grandes cidades. Só para lembrar às memórias fracas, vejamos o que ocorreu com Sodoma e Gomorra e, chegando até o Império Romano, que espalhou guerra entre todos os povos livres e nômades do mundo, com suas intrigas e corrupções, mostrando à humanidade que as grandes cen-

tralizações nada de equilíbrio e harmonia traziam para a espécie humana.

Mas os homens continuaram, com suas conveniências políticas, a justificar os erros apontados por sábios e pensadores e chegamos aos dias atuais com macabras estatísticas dessas Gomorras modernas, que aos poucos vão se dando as mãos, num elo de estados cada vez mais opressores para, num futuro bem próximo, submeter toda a espécie humana aos ditames de um só estado universal, perverso e monstruoso, paralisando todas as funções físicas e biológicas da raça humana. Pois bem, o jornal "O Estado de São Paulo" posicionou-se frontalmente contra a lavoura de substância, chamando-a de infantil.

Lembramos ao citado jornal que lavoura de subsistência não significa uma rudimentar e preguiçosa lavoura do tempo da pedra lascada. Pelo contrário, fortalece a fixação do homem à terra, trazendo por outro lado, uma benesse para a terra pela diversificação dos plantios, melhorando o solo, dando espaço

aos micro organismos, assim como os animais inferiores, tais como minhocas, enquitrias, nematóides, ácaros, colembolos e outros antropóides, que entrarão com um processo de fertilização do solo. Cada inseto tem seu depredador natural que equilibra a sua não proliferação em grande escala. Entretanto, se o homem destrói o seu habitat natural, ele, por força óbvia, procurará arranjar espaço para continuar seu ciclo e às vezes esses ciclos proliferados vão cair na lavoura simplista do homem moderno, alheio à natureza que o rodeia.

Tolhido no seu afã de só produzir para ganhos egoístas, o homem, passa a usar veneno contra estes insetos que trabalham para ele e para todo o reino animal.

A terra está coberta por uma camada de mais ou menos vinte centímetros de miríades de bactérias e desses pequeninos animais, que transformarão a terra em solo fértil. Mas, para isso, a natureza gastou milhões de anos de processo biológico.

Continua no próximo número.

Quanto à Espanha, é bom esclarecer que o anarquismo chegou ali pela palavra de Fanelli e o Socialismo reformista não teve vez durante muitos e muitos anos no Movimento Operário. Em Portugal, o Socialismo tinha a influência direta e absolutamente anarquista de PROUDHON, e quando alguns elementos tentaram desviá-lo para a política reformista, os trabalhadores em massa, reuniram-se em congresso nacional e proclamaram-se anarco-sindicalistas, seguindo o seu caminho e o Partido Socialista foi morrendo. O mesmo poder-se-ia dizer da França e da Itália.

Na Página 6, refere-se à Itália e França como países onde o trabalhador achava que a "revolução russa era sua", isto é de uma má fé sem nome! No Brasil alguns operários andavam confusos, isto porque a imprensa (veja-se "Movimento Comunista" e outras publicações no Brasil, França, Itália, Portugal, etc. inclusive os próprios marinheiros que derrubaram Kerensky e mais tarde foram massacrados em Kronstadt), mas tão somente porque, como já acima se disse, Comunismo-Socialismo e Anarquismo, na sua definição não divergem de fins. Quem lê os escritos dos primeiros anos

da revolução soviética, logo se dá conta de que o que houve foi uma fraude na propaganda seguida de um desvio da revolução.

Vejamos apenas dois tópicos da época: "O Comunismo científico vê no Estado a organização das classes dominantes, o instrumento de agressão e de poder. Por consequência, é evidente que para o Comunismo, a Idéia, do Estado Futuro não pode existir. De futuro não haverá classes, agressões de uma classe por outra. Não existirá mais, e naturalmente desaparecerá o instrumento de opressão que é o poder do Estado."

"A sociedade comunista não será, não poderá ser, uma sociedade com Estado. E sendo assim, que diferença há entre comunistas e anarquistas?" (B. Bukharin — "O COMUNISTA" — 06-11-1928); "Os marxistas fixando como seu objetivo a completa destruição do Estado, reconhecem este objetivo como concretizado após a destruição das classes pela revolução socialista e consideram que o Estado morra em última instância como resultado da construção da sociedade sem classes."

"Os anarquistas querem a completa destruição do Estado de hoje para amanhã, não compreendendo as condições para a concretização de semelhante destruição." (Lenin).

Depois destas "explicações", (que se poderiam citar às centenas), já se percebe ignorância ou a má fé de Carone. Quanto às lutas entre anarquistas e comunistas, como Movimentos, não existiram, a menos que se refira aos atentados de 1928, na Rua Frei Caneca n.º 4 — Sobrado, onde foram assassinados dois operários e feridos diversos, pelos bolchevistas Pedro Bastos e Eusébio Manjon, sob o comando de Roberto Morena, Octávio Brandão e o deputado Azevedo Lima, ou a outras agressões contra Marques da Costa, etc...

No Brasil nunca se realizou um congresso a nível nacional para discutir e decidir quem aderiria à 3.ª Internacional ou quem ficava com os anarco-sindicalistas! Quando isto podia ser feito, Artur Bernardes decretou 4 anos de estado de sítio, mandou muitos para o Olapoque, e as chamadas "lutas", na verdade, não passaram de agressões verbais e físicas em assembleias ou na imprensa, isto sem levar em conta que os bolchevistas, até 1930, eram minoria.

1.º DE MAIO DIA DE PROTESTO; UNIÃO E LUTA DO PROLETARIADO

Pertence exclusivamente ao proletariado, aos trabalhadores, a comemoração do 1.º de Maio. Como trabalhadores considerando-se todos aqueles que vivem do produto de seu trabalho; manual ou intelectual, numa equivalência de utilidades em benefício da coletividade, desde os que abnegadamente cuidam da limpeza pública, zelando pela saúde de todos, até aqueles que mourejam em ambientes de escritórios, deses que não exploram o trabalho alheio e que devem alugar o seu esforço aos detentores dos bens sociais

Organizam-se manifestações cívicas e festividades várias para lembrar essa data proletária, que no calendário brasileiro figura como um feriado igual aos demais.

Entretanto, bem diversa é a significação do 1.º de Maio, pois os acontecimentos que



lhe deram origem não justificam, de maneira alguma o caráter festivo que se lhe quer emprestar. Ao contrário de uma festa, essa é uma data simbólica das aspirações da classe trabalhadora, uma comemoração afirmativa da vontade da decisão do proletariado reivindicar os seus direitos espezinhadros.

ORIGEM DO 1.º DE MAIO

No dia 1.º de Maio de 1886 iniciou-se em Chicago a greve-geral para reivindicar as oito horas de trabalho; naquele tempo se trabalhava de 12 a 14 horas diárias. No dia 4 do mesmo mês, num conflito provocado pela polícia, estourou uma bomba. Foram presos, julgados e condenados oito trabalhadores anarquistas: Oscar Neeb, a 15 anos de prisão; Miguel Schwab e Samuel Fielden, à prisão perpétua; Alberto Parsons, Adolfo Fischer, George Engel, Augusto Spies e Luis Lingg, condenados à morte. De nada valeu que a defesa provasse a inocência dos condenados. Ao tribunal pouco impor-

tava se eram culpados ou inocentes. A única coisa que interessava era condenar aqueles heróis, vanguarda luminosa do proletariado militante. No dia 11 de Novembro de 1887, quatro dos condenados à morte foram executados. Lingg havia, dias antes, feito estourar sua própria cabeça, roubando a seus algozes o prazer mórbido de enforcá-lo. Em 1893, o novo governador, J. P. Altgeld, revendo o processo, declarou que "os condenados foram vítimas de uma maquiagem preparada sistematicamente com o propósito exclusivo de levá-los aos patíbulo" e, afirmando que tal ferocidade não tinha precedentes na história, considerou um dever iniludível pôr em liberdade a Samuel Fielden, O. Neeb e M. Schwab.

Parsons, Fischer, Engel e Spies não tiveram a sorte de seus companheiros, pois, como ficou dito acima, no dia 11 de Novembro de 1887 foram enforcados, demonstrando entretanto, até o último momento, a firmeza de seus ideais.

PARSONS: "DEIXAI QUE SE OUÇA A VOZ DO POVO!"

FISCHER: "ATÉ O DIA DA ANARQUIA!"

ENGEL: "HURRA PELA ANARQUIA!"

SPIES: "SAÚDE-VOS, TEMPOS EM QUE NOSSO SILÊNCIO SERÁ

MAIS PODEROSO QUE NOSSAS VOZES, HOJE SUFOCADAS PELA FORÇA!"



AS LUTAS NO PASSADO

Foi para protestar contra todas as injustiças de que é vítima a classe proletária e proclamar o seu direito e uma vida feliz a que com seu esforço faz jus que, a partir da tragédia de Chicago, o 1.º de Maio vem sendo comemorado em todas as partes do mundo, pela classe trabalhadora.

Assim se resolveu em dois congressos internacionais realizados em Paris logo após aquele crime do capitalismo. Assim se decidiu em todos os congressos dos trabalhadores de todos os países; inclusive o Brasil, nos congressos realizados em 1906, 1913 e 1920 pela Confederação Operária Brasileira, e nos quatro realizados em São Paulo pela Federação Operária de São Paulo no período de 1906 a 1935; o proletariado organizado serviu-se dessa data para afirmar os seus direitos e seu propósito de lutar para os reivindicar.

A UNIÃO E LUTA PRESENTE

Porém a burguesia astuta, possuindo todos os meios de propaganda (Imprensa, rádio, etc) e tendo a seu lado a força resolveu, por um ato de HABILIDADE POLÍTICA, transformar o dia 1.º de maio de PROTESTO UNIVERSAL em dia de FESTA DO TRABALHO. E hoje vemos até partidos revolucionários se prestarem à farsa política, comemorando um dia de luto e de dor como dia de festa. Parece incrível que trabalhadores se deixem enganar tão ingenuamente pelos histriões da questão social, mascarados de representantes trabalhistas e que outra coisa não são senão lacaios do capitalismo e do Estado.

Já é hora de dizermos não a tanto cinismo e, imitando o Cristo, com um latego na mão, expulsamos dos templos do trabalho (os sindicatos) os novos fariseus, e recuperamos as organizações obreiras, para que possamos lutar pela construção de uma sociedade sem âmos que nos explore; por uma sociedade de livres e iguais, por uma sociedade onde cada qual produza segundo suas forças e consuma segundo suas necessidades.

POR UM PRIMEIRO DE MAIO DIGNO DA CLASSE TRABALHADORA!

PELA LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL!

PELA EXTINÇÃO DO IMPOSTO SINDICAL!
CONTRA A FORMAÇÃO DE QUALQUER CENTRAL SINDICAL QUE NÃO SEJA DECIDIDA PELAS BASES!

POR UM SINDICALISMO AUTENTICAMENTE LIBERTÁRIO!

PELA CRIAÇÃO DE GRUPOS SINDICAIS NAS FÁBRICAS E EMPRESAS!

CONTRA TODOS AUTORITARISMOS!
PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO DAS OPINIÕES SINDICAIS!

Brasil, 1.º de Maio de 1980
a) Aliança Libertária.

II CONGRESSO DA MULHER PAULISTA

O CONGRESSO, QUE FOI REALIZADO NOS DIAS 8 E 9 DE MARÇO NA PUC-SP E ORGANIZADA POR 45 ENTIDADES, CONTOU COM A PARTICIPAÇÃO DE MAIS DE TRÊS MIL MULHERES. NO SÁBADO, AS CONGRESSISTAS REUNIRAM-SE EM PEQUENOS GRUPOS PARA DISCUTIR A DISCRIMINAÇÃO QUE A MULHER SOFRE ENQUANTO MULHER, MÃE E TRABALHADORA; NO DOMINGO, DISCUTIU-SE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER, FEZ-SE UMA AVALIAÇÃO DAS DISCUSSÕES ANTERIORES E, EM PLENÁRIA, DEVERIAM SER APRESENTADAS AS CONCLUSÕES E AS PROPOSTAS DE LUTAS A SEREM LEVADAS DURANTE O ANO. PARALELO A ESSES TRABALHOS, FORMOU-SE UM GRUPO MASCULINO QUE TEVE A MISSÃO DE DISCUTIR O TEMÁRIO E APRESENTAR SUAS CONCLUSÕES.

O IMPORTANTE NESSE CONGRESSO FOI QUE PELA PRIMEIRA VEZ A MULHER BRASILEIRA DISCUTIU E MEDITOU SOBRE SEU CORPO, SUA SEXUALIDADE, O PAPEL QUE DESEMPENHA NA MANUTENÇÃO DA FAMÍLIA E DO STATUS-QUO, AS VIOLÊNCIAS SEXUAIS QUE SOFRE E A SUA PROFISSIONALIZAÇÃO. EMBORA AS CONCLUSÕES E PROPOSTAS REIVINDICATÓRIAS NÃO TENHAM ABARCADO TODOS OS ASSUNTOS, O ESPAÇO ABERTO

O TEMÁRIO

Com relação ao temário pudemos perceber um grande interesse em discutir os problemas específicos da mulher; entretanto, achamos que eles foram apresentados de maneira muito ampla, com diversos subitens que requereriam um tempo muito maior do que o disponível. Nesse mesmo temário, não se deu ênfase aos problemas enfrentados pelas mulheres negras, pelas lésbicas e pelas prostitutas que, indubitavelmente, fazem parte de um setor feminino e oprimido da sociedade. Em lugar desses assuntos, o temário apresentou um item totalmente desnecessário (para nós, apertadas) que foi a participação política da mulher notadamente nas entidades partidárias e sindicais, mencionando, apenas, a participação nos grupos feministas.

O PRIMEIRO DIA DO CONGRESSO

Após a apresentação de um audiovisual e duas peças teatrais, as congressistas se reuniram em pequenos grupos, segundo a preferência de assunto. O tempo delimitado para as discussões foi bastante curto para os diferentes assuntos (duas horas e meia) e isso impediu um aprofundamento das questões propostas. Fora isso, a presença constante de elementos das diferentes tendências políticas infiltrados nos diferentes grupos fez com que, muitas vezes, assuntos importantes fossem analisados e discutidos superficialmente e com um enfoque bastante preconceituoso. Só para citar um exemplo, a questão da sexualidade foi pouco discutida em um dos pequenos grupos, porque certos elementos tentaram, a todo custo, colocar esse assunto fora de discussão alegando que "assuntos mais importantes" (entenda-se a luta contra a ditadura) deveriam ser debatidos e porque outros elementos, que persistiram na discussão da sexualidade, conduziram o debate para uma análise "científica", dando ao assunto um caráter cristão-materialista.

Outro aspecto importante diz respeito às conclusões dos trabalhos no primeiro dia do Congresso. Os relatórios finais, que seriam apresentados no dia seguinte, não foram tirados nos quatro grupos por todas as participantes dos subgrupos. Foi proposta a formação de uma comissão composta por três ou quatro elementos que sintetizariam os relatórios dos diversos subgrupos, donde tirar-se-ia o relatório final e as propostas de



lutas e bandeiras que todas as participantes levariam ao final do Congresso.

O SEGUNDO DIA DO CONGRESSO

No domingo, pela manhã, houve uma plenária na qual foram apresentados balanços do Movimento de Luta por creches e os relatórios do grupo que discutiu a discriminação da mulher trabalhadora. Após, as congressistas dividiram-se novamente em pequenos grupos com o objetivo de finalizar as discussões anteriores, tirar frentes de luta e bandeiras e discutir a participação política da mulher.

As mulheres, que no dia anterior se agruparam segundo a preferência dos assuntos, no domingo, a pedido da Mesa, misturaram-se. Por isso, encontramos nas diversas salas mulheres que discutiram a discriminação enquanto trabalhadora, mulher, dona-de-casa e mãe. Ora, claro que isto causou uma grande confusão na cabeça das congressistas. Como tirar bandeiras e frentes de luta, em relação a assuntos por elas não discutidos no dia anterior?

Cada mulher participante do pequeno grupo, do domingo, tentava explicar a sua discussão do dia anterior e novamente o tempo foi restrito; assim, em alguns grupos não foi possível tirar bandeiras e proposta de luta de todos os itens do temário.

O relatório final de cada grupo foi entregue à Mesa pela coordenadora do mesmo. E novamente em plenária, depois de se acomodarem, as mulheres ouviram os relatórios entre as provocações das diferentes tendências políticas lá infiltradas, que tu-

PARA A DISCUSSÃO DOS PROBLEMAS ESPECÍFICOS DA MULHER, A COLOCAÇÃO E A CONCLUSÃO DE QUE "A PROBLEMÁTICA DO CORPO FEMININO E SUA PLENA SATISFAÇÃO É TÃO IMPORTANTE QUANTO A PARTICIPAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DA MULHER", DEVEM SER CONSIDERADOS COMO UM IMPORTANTE PASSO PARA O CRESCIMENTO E AMADURECIMENTO DO MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO.

TODAVIA, O CONGRESSO NÃO CONSEGUIU TER UM FINAL FELIZ DEVIDO A INFILTRAÇÃO DE GRUPOS POLÍTICOS QUE TENTARAM A TODO MOMENTO ARREBANHAR AS MULHERES PARA A LUTA PARTIDÁRIA, O QUE IMPEDIU A SEQUÊNCIA TRANQUILA DO MESMO TANTO NO SÁBADO COMO NO DOMINGO PRINCIPALMENTE NESTE ÚLTIMO.

OUTRO FATO QUE IMPEDIU O BOM ENCAMINHAMENTO DAS DISCUSSÕES FOI O GRANDE FLUXO DE PARTICIPANTES, PREVENDO A PARTICIPAÇÃO DE APROXIMADAMENTE 2.000 PESSOAS E COM UMA INFRA-ESTRUTURA MONTADA PARA ESSE NÚMERO DE PARTICIPANTES NOTAMOS UMA GRANDE DESORGANIZAÇÃO, COM AS CRECHES E OS GRUPOS DE DISCUSSÃO ABARROTADOS.

multuaram todo o Congresso desde o seu primeiro dia.

Estes relatórios foram criticados por algumas mulheres, que subiram à Mesa para explicar que haviam sido cortadas certas interferências, por elas feitas e que deveriam estar incluídas. Um exemplo desse fato, foi o do grupo das mulheres do Movimento Negro Unificado, que aproveitando o momento, leu sua moção.

Outro fato importante foi a moção da Coordenação do II Congresso, repudiando a participação das diferentes tendências políticas no mesmo, lembrando que ele era específico da mulher.

Repudiamos o fato de certas moções não serem lidas em plenária e tivemos conhecimento da moção dos homossexuais que foi levada à Mesa mas, infelizmente, não foi lida. O mesmo erro ocorreu em relação à proposta feita no dia anterior para que fosse lida uma moção de apoio à luta das prostitutas.

Enquanto as moções e os relatórios iam sendo lidos, crescia uma pequena contenda entre as diferentes tendências políticas infiltradas no plenário. A contenda foi crescendo a ponto de a Coordenação precisar criar um grupo de segurança evitando que os lugares perto da Mesa fossem ocupados por esses elementos. Apenas a imprensa e a segurança do Congresso tiveram acesso a esses lugares.

As coordenadoras pediram inúmeras vezes que a plenária se acalmasse para poder chegar ao término de todos os trabalhos feitos nesses dois dias. Mas, como as tendências não calaram as suas bocas, as conclusões não podiam ser lidas e nem sequer votadas. Com o crescimento do tumulto a coordenação deu por encerrado o I Congresso da Mulher Paulista.

A DISCUSSÃO ENTRE OS HOMENS

Perdidos no meio de três mil mulheres que realizavam o seu Congresso os aproximadamente, 100 homens presentes se encontraram no sábado (8/3) à tarde para discutir a discriminação da mulher.

Bem, o fato é que ninguém sabia exatamente o que discutir. E isso se evidenciou na primeira hora de discussão, quando se tentou tirar os pontos para a pauta, sem que se conseguisse chegar a um acordo. Somente a coordenadora do grupo foi que conseguiu objetivar mais o bate-boca, com uma simples pergunta, de resto resultado do

HÁ QUE CHIMBAR!

Vendo, no dia 23/03 domingo, o programa Fantástico da rede Globo de televisão, fiquei perplexo e pude constatar a que nível elevado de hipocrisia e cinismo podem chegar as "autoridades" desse país tropical e carnavalesco. Imaginem que, essas "autoridades" resolveram cortar a verba para a alimentação das crianças de um orfanato no Rio (esse tem sorte, pelo menos possuía verba até então. Outros nunca viram a cor do dinheiro governamental.); primeiro reduziram a verba alimentar, fazendo com isso, que houvesse um racionamento na alimentação das crianças (agora, perguntem se racionam a alimentação lá do Palácio, e por que não racionam? serão eles mais importantes que as crianças?... Ou lá na casa do Ministro do Trabalho, que não trabalha, atrapalha.), depois prometem cortar de vez, comunicando-lhes clinicamente que não podem fazer nada.

Vejam bem, até onde podem chegar as sandices dessas "autoridades", até um orfanato, onde ainda coexistem crianças, algumas abandonadas, outras não, reconhecidamente carentes, inocentes maninhos e, sobretudo, indefesas. E investir contra crianças, principalmente indefesas, é um ato de absoluta covardia, reconhecemos embora o fato não me tenha causado nenhuma surpresa.

A criança, é antes de tudo, não interessando as causas e/ou circunstâncias, um filho da sociedade, um membro dela, e essa minha assertiva, não pode ser refutada por nenhuma teoria que se pretenda humanista. E por causa mesmo da sua situação, da sua condição psico-fisiológica inclusive, deve ser assistida por essa mesma sociedade. Deve mesmo, por causa ainda

da sua condição, da sua impossibilidade mesma de ingresso numa sociedade extremamente competitiva e capitalista como é a nossa, desfrutar dos melhores privilégios que essa mesma sociedade possa oferecer e isso, deveras, nunca acontece.

Pertanto, essa sociedade tem o insalienável dever de cuidar, de tratar dessas crianças, é inconcebível que assim não seja.

Agora, se o reflexo dessa sociedade (ou outra qualquer) é mesmo o Estado, se há uma relação íntima e profunda entre sociedade e Estado, se este último cuida dos interesses, direitos e deveres daquela primeira, então aí o problema já não é mais nosso.

Deve-se exigir da sociedade que ela assuma a maternidade (como quando ela assume, enquanto sociedade indígena e/ou tribal africana, por exemplo). Caso ela diga que é impossível assumir tal maternidade em virtude das suas tarefas serem difíceis e complexas, tomando-lhe muito tempo, advindo daí o pagamento de tributos ao Estado, para que este a mantenha protegida e organizada... Bem, mas esse é outro papo. O que nós queremos saber é: se a mãe não quer assumir... então toma que o filho é teu, otário. Você agora haverá de carregar sozinho a sua cruz; em melhores palavras, você terá de cuidar e educar a criança, ou não é você que tem a obrigação de proteger o cidadão? Ou criança não é cidadão? Foda-se, vire-se para arrumar a verba para tanto, e podes começar tirando, transferindo a verba da propaganda oficial e mentirosa, por exemplo. Ou mesmo dos salários dos incompetentes, até como políticos, que compõem as suas assembléias inerentemente improdutivas; ou

até mesmo da sua burocracia militar (a quem servem? para que servem? pra nos ficharem? Só isso não basta, eu quero é mais).

Por isso é que nestes casos deve-se pressionar da maneira mais feroz possível o Estado. Não é assim que acontece na Europa e América, em países tidos como civilizados? Mas por aqui acontece diferente, papal Estado não assume e a coisa fica por isso mesmo, ou então nos joga a colher, a migalha, numa fundação do menor dessas qualquer e a gente que se vire. Todo mundo sabe do que lá acontece, do que se passa. Sabe mas finge que não.

Mais tarde dá-se um tiro na cara de D. Avelarzinho — que é tirado a brando, mas quem o conhece sabe que não é —, e aí o esquadrão quer nos almoçar com farofa de dendê e tudo (oh, doces irrecuperáveis). Ou então, quando se tem um pouco mais de sorte e as madames, desocupadas que são, prostitutas oficializadas que são, resolvem praticar suas boas ações diárias, e criam e mantêm juntamente com uma pá de outras pessoas também desocupadas, religiosamente religiosas (cristãs) e, claro, de alto poder aquisitivo - creches e/ou orfanatos que permanecem até quando "Deus" quer. Mas às vezes, a grande maioria das vezes, "Deus", por qualquer motivo não explicado, não quer mantê-los por muito tempo. Contudo, almas tão boas e caridosas estão já salvas... As crianças?... Bem, as crianças, como bem o demonstraram, eles, já são um outro papo.

Mas essa é verdadeiramente uma guerra, senhores. E eu espero que vença o lado de cá. Espero mesmo.

Tonho Starteri



GENTE

Gente enxergando gente
presentindo momentos espalhando energia
fluindo música sorrindo beleza
cheirando vida percebendo o
mistério transpirando a luz
inspirando paz poetizando olhares
emocionando o estabelecido
colorindo as brechas cantando o
brilho chovendo fé explodindo força
catando o seu espaço transbordando
leveza e vibrando de amor

Têca

A LIBERDADE NÃO É UMA ESTRATÉGIA CONCEBIVEL AOS CRITAS LIBERTADORES A LIBERDADE É UM EXITO AS CENDENTE E NA LUTA DA IGUALDADE E FRATERNIDADE JOÃO PEREIRA

CONSCIÊNCIA NACIONAL

SE VOCÊ PRETENDE SER O CIDADÃO DA PÁTRIA
OUVIR À HORA DO JANTAR A TRADICIONAL...
voz do Brasil!!!!!!!
INFORMANDO-SE DOS FATOS SELECIONADOS
PELOS REDATORES DO PLANALTO
QUE DE TÃO ALTO FICAM ISOLADOS:
SER PATRIOTA É APOIAR SEMPRE, SEMPRE,
A POLÍTICA DO BRASIL?
SER VERDE, AMARELO e AZUL ANIL
DIZENDO PRA TODOS QUE TE OUVEM
MINHA TERRA TEM PALMEIRAS ONDE CANTA O SABÍO
TEM TAMBÉM DEMOCRÁCIA QUE NÓS SÓ OUVIMOS FALAR
ISTO PORQUE NÃO A ENCONTRAMOS NEM MESMO NUM BAR:
SE VOCÊ ACREDITA NO SER-PATRIOTA QUE OTA É VOCÊ?
VOCÊ QUE SE AUTO-IMPLODE ESPERANDO O QUE
NÃO VEM... ATÉ QUANDO, MEU BEM?
VOCÊ, O DEMOCRATA-DO-FUTEBOL-CARNAVAL
DO FERIADO NACIONAL!
VOCÊ QUE FAZ PARTE DESSA ORGIA DA SEGURANÇA NACIONAL???
VOCÊ QUE É PATRIOTA QUE OTA É VOCÊ!
ANISTIA- MAIS VALIA- MULTINACIONAL- PDS-PT-PMDB-PTB-PP-OU-PCIIIIIIII
QUE PATRIOTA É VOCÊ!
QUE VOTA E SE ANULA?
QUE PENSA QUE A COISA MUDA QUANDO
O REI BRINCA DE DEMOCRATIZAR??!!
VOCÊ QUE ACHA QUE SABE, QUAL É A NOSSA LUTA?

...HA E QUE CONSOME
A MULHER E A GASOLINA
QUE ASSISTE E SE IRRITA
A TELEVISÃO E A FILA
QUE PAGA E SE ARROCHA
OS IMPOSTOS E AS PRESTAÇÕES PATRI...OTA:
QUE OTA É VOCÊ?

LIDIO BARROS

TARDE DE ARGILA

NÃO UMA TARDE ELABORADA POR MÁQUINAS INEVITÁVEIS E DE AMEAÇAS INFINITAS
NÃO UMA TARDE NA PELE DA COBIÇA ONDE A VIDA ATURDE NAS RUAS ATÉ A SOMA RUBRA PLENA DE INDÊNDIOS E MOSCAS NÃO IGUAL PORTA INTERMINÁVEL
E FULGOR DE LUZES CEGANDO NÃO UMA TARDE DE GRITOS EMBARALHADOS E TODO O CANSAÇO INSEPULTO
JAMAIS UMA TARDE DE PALAVRAS VELHAS DE SAPATOS E MEIAS
DE DISPUTAS COM PRATOS DO RANÇO DA CURIOSIDADE DE COCHEIROS
MAS UMA TARDE SIMPLES DE MOFADAS GRAVATAS E HORÁRIOS CONGELADOS
UMA TARDE DE PADEIRO
UMA TARDE SIMPLES, DE CERA ONDE SE POSSA OUVIR SEM FERIMENTOS O RUÍDO E O SILÊNCIO

Amaury Matos Pereira

